

Revista Adventista

Ano 76 · Nº 821 · €1,90

Outubro 2015



A TODA A NAÇÃO



**OS QUATRO
IMPÉRIOS DE DANIEL
2 – PARTE I**

Uma interpretação
Adventista.



JÚNIA, A APÓSTOLA

Uma mulher apóstola?



**MUDANÇA DE
TRAJETÓRIA**

Aprenda com o povo
de Israel.

Recuperar!

10

Segredos de Bem-estar

Acidentes, catástrofes, abuso e mesmo abandono estão entre as diversas provocações da vida, as quais podem infligir profundas feridas físicas

e morais. Como pode recuperar depois de tais experiências traumáticas? Como pode recuperar a sua direção e alegria de vida? A resiliência é a capacidade aprendida para superar com sucesso as provocações da vida. É um processo dinâmico e a longo prazo, facilitado pela combinação de vários fatores, tais como a fé, elos familiares, o apoio de amigos, força de vontade, per-

severança e, por vezes, ajuda médica. Um evento trágico não tem de determinar o fim para uma vida com significado. Pode ser um incentivo a erguer-se a lugares ainda mais elevados e ao êxito, apesar dos desafios! 🌟

Pode começar hoje!

www.secretsofwellness.org



IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

150 ANOS

DE PROMOÇÃO DA SAÚDE



QUERO VIVER MAIS



Céline Rossetti-Aurouze
Enfermeira cirúrgica
Clermont-Ferrand, França

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



ARTIGO DE FUNDO

12

Júnia, a apóstola

Poderia a categoria eclesial dos "apóstolos" na era da Igreja Cristã primitiva ter incluído Júnia, uma mulher referida por Paulo em Romanos 16?



REFLEXÃO

35

Outro (falso) argumento contra a criação em seis dias

A existência destes primeiros três dias, antes da aparição do Sol no quarto dia, pode ser interpretada como mais uma prova a favor da inspiração divina do relato de Génesis 1 e 2.



CIÊNCIA E RELIGIÃO

24

Filhos de Deus cibernéticos?

Conheça melhor a realidade emergente da inteligência artificial e as suas implicações para a fé cristã.

04 A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO DOS APÓSTOLOS NA IGREJA CRISTÃ

EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

19 NOTÍCIAS NACIONAIS

34 UMA AMIGA COMO ESTA

ESPAÇO JUVENIL

06 OS QUATRO IMPÉRIOS DE DANIEL 2 – PARTE I > TEOLOGIA

O sonho relatado e interpretado no segundo capítulo do livro de Daniel tem, desde há muito, fascinado os seus leitores. Qual é o seu significado?

28 A TODA A NAÇÃO > EVANGELISMO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia começou com uma mão cheia de Cristãos Milleritas. Hoje, ela é uma denominação espalhada pelo mundo. Fique a conhecer os avanços da Igreja no último quinquénio.

32 MUDANÇA DE TRAJETÓRIA > DEVOCIONAL

Graças a esta experiência do povo de Israel, você e eu podemos estar certos de que em circunstância alguma ficaremos a perder por seguir o caminho que Deus escolheu para nós.





A importância da função dos Apóstolos na Igreja Cristã

“**M**as recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1:8).

Jesus instruiu por três anos e meio os Seus discípulos para que, mais tarde, se tornassem poderosos Apóstolos. Eles foram enviados para levar avante, através da presença do Espírito Santo e do empenho pessoal, a proclamação das boas-novas aos quatro cantos deste Planeta. No entanto, Jesus alertou-os para as dificuldades que iriam enfrentar. “Sabia que estava prestes a ser separado deles, para deixá-los como ovelhas entre lobos. Sabia que haveriam de sofrer perseguição, que seriam lançados fora das sinagogas e metidos nas prisões. Sabia que, por testemunharem d’Ele como o Messias, alguns experimentariam a morte” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 13).

Sob a poderosa influência do Espírito Santo, rapidamente a Igreja crescia, e os Apóstolos tornaram-se pregadores itinerantes (Atos 2:41). A missão era grandiosa, impossível aos olhos humanos. O mundo não estava preparado. Os Apóstolos desdobravam-se para poder corresponder às necessidades da Igreja emergente. Eram homens de oração, de intercessão,

cheios de poder do Alto, corajosos, destemidos. Eles tomaram a liderança da Igreja, confiando plenamente nas palavras de Cristo Jesus. A disponibilidade e o envolvimento dos Apóstolos, graças ao poder do Espírito Santo, foram determinantes para o avanço da causa (Atos 4:31). Rapidamente os Apóstolos demonstraram o que Deus pode fazer na vida daqueles que depositam confiança n’Ele.

A partir do texto dos Atos dos Apóstolos, encontramos elementos que nos permitem compreender como os Apóstolos viviam o projeto de Jesus. Segundo Atos 4:20-27: (1) todos foram cheios do Espírito Santo; (2) anunciavam com ousadia a palavra de Deus; (3) era um o coração e a alma da multidão dos que criam; (4) todas as coisas lhes eram comuns; (5) davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus; (6) em todos eles havia abundante graça; (7) não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos Apóstolos; (8) e repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha.

Dia-a-dia a Igreja ia progredindo e muitas almas aceitavam fazer parte do povo de Deus (Atos 19:20). A pena inspirada diz:

“Como representantes de Cristo, os Apóstolos deviam fazer decidida impressão sobre o mundo. O facto de serem homens simples não devia diminuir-lhes a influência, antes incrementá-la; pois a mente dos seus ouvintes devia ser levada deles para o Salvador que, conquanto invisível, estava ainda operando com eles. O maravilhoso ensino dos Apóstolos, as suas palavras de ânimo e confiança, assegurariam a todos que não era no seu próprio poder que operavam, mas no poder de Cristo” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 14). Em lugar do desânimo, aceitaram o ânimo, em lugar da tristeza, aceitaram a alegria, em lugar do desespero aceitaram a esperança. Não esperaram que as pessoas viessem ter com eles, mas foram ter com o mundo e anunciaram as boas-novas. Aprenderam a falar com a mesma simplicidade com que Cristo falava. Aprenderam a ser mansos e humildes de coração e a sua vida foi transformada.

Estes princípios deveriam também ser mantidos firmemente nos nossos dias. Cada crente deve ser um verdadeiro Apóstolo de Cristo. Devemos erguer a bandeira de Cristo neste mundo distante de Deus. A responsabilidade está nas nossas mãos... ✦

• **Pr. António Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

outubro

03	Dia de Jejum e Oração
10	Dia do Pastor
10-17	Campanha sobre Saúde
15	Conferência AIDLR
17	Dia dos Ministérios da Criança
17	Dia do Espírito de Profecia
23-25	Encontro de músicos
24	Encontro dos 60+
24 e 25	Conselho Nacional JA
31	Encontros Regionais de Universitários por R. E.

novembro

07-14	Semana de Oração e Sacrifício
08 e 09	Conselho Anual
20-22	Encontro de Profissionais de Saúde
22-24	Convenção pastoral
28	ROIG Alentejo e Algarve
29	ROIG Lisboa

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



outubro

05-09	Associação Bélgica-Luxemburgo (FBU)
12-16	Clínica La Lignière (EUD)
19-23	Associação Norte do Reno-Westfália (NGU)
26-30	Associação da Transilvânia do Sul (RU)

novembro

02-06	Associação Baden-Wuerttemberg (SGU)
09-13	Casa Publicadora Advent-Verlag (SU)
16-20	União Búlgara (BU)
23-27	Casa Publicadora Búlgara (BU)

ANTENA 1  RTP2 

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

05/10	Segunda-feira
19/10	Segunda-feira
11/11	Quarta-feira
23/11	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

25/10	Domingo
-------	---------



BANCO DE LEITURA

Preparação para a Crise Final

Fernando Chaij

O livro que quero apresentar aqui ao Leitor aborda um tema que é particularmente grato aos Adventistas do Sétimo Dia. De facto, este livro de Fernando Chaij pretende expor o desenrolar dos eventos que conduzirão a nossa Igreja à crise final. Servindo-se das profecias bíblicas e dos escritos do Espírito de Profecia, o autor desenha um quadro panorâmico dos acontecimentos do tempo do fim. Ele descreve o futuro movimento de reforma dentro da Igreja, o selamento, a queda da



chuva serôdia, a sacudidura, o alto clamor, a perseguição à Igreja e a obra do engano satânico. Chaij descreve também o tempo de angústia prévio e o tempo de angústia propriamente dito, a queda das pragas, o fim da sétima praga, bem como a libertação e a Segunda Vinda de Cristo. Finalmente, o livro termina com um sério aviso que apela à preparação espiritual para se enfrentar a crise vindoura. A riqueza deste livro reside no facto de ele ordenar, cronológica e tematicamente, as informações da Bíblia e do Espírito de Profecia sobre os eventos finais, tornando muito mais fácil a compreensão total desses eventos. De facto, a introdução apresenta uma visão panorâmica dos acontecimentos do tempo do fim, que depois serão analisados um a um ao longo do livro. Posso garantir ao Leitor que nenhum Adventista do Sétimo Dia fica o mesmo depois de ler a obra de Fernando Chaij. Essa foi a minha experiência e será certamente a sua, se adquirir este livro. Ao lermos esta obra, nós tomamos consciência da proximidade do regresso de Jesus e também da necessidade de nos prepararmos espiritualmente para estarmos prontos para viver os tempos gloriosos, mas também sombrios, que culminarão no Segundo Advento. Assim, caro Leitor, se deseja estar preparado para a Segunda Vinda de Cristo, adquira e leia a *Preparação para a Crise Final* e verá que não se arrependerá! ¶

Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

PARTE I

Os quatro impérios de Daniel 2

O sonho relatado e interpretado no segundo capítulo do livro de Daniel tem, desde há muito, fascinado os seus leitores. Tal não poderia deixar de ser, pois se se puder provar que o referido sonho foi dado a Nabucodonosor II, no segundo ano do seu reinado (603 a.C.), então fica imediatamente provado o seu carácter inspirado. Esta conclusão imediata resulta do facto de esse sonho prever com exatidão os desenvolvimentos político-militares que ocorreriam na área do Mediterrâneo durante mais de mil anos (desde 605 a.C. até 476 d.C.). Efetivamente, o sonho estabelece uma sucessão de quatro reinos, que começaria com o império Neo-Babilónico de Nabucodonosor II e terminaria com o império Romano, sendo depois este quarto império dividido em dez reinos menores, que existiriam até à instauração do reino de Deus na Terra. De facto, ao longo dos séculos – pelo menos desde Flávio Josefo, o historiador Judeu do século I – os comentadores do livro de Daniel têm identificado os





quatro impérios simbolizados pelos quatro metais da estátua como sendo Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia-Macedônia e Roma. A identificação do quarto império com o império romano é o aspeto mais característico desta interpretação, e tem servido para designar tal interpretação como sendo a “hipótese romana”.¹ No entanto, a “hipótese romana” tem sido fortemente criticada desde o século XIX e foi totalmente abandonada pelos teólogos liberais contemporâneos. Recusando reconhecer o caráter inspirado do livro de Daniel, eles afirmam que o livro foi escrito, na verdade, por volta de 164 a.C., por um judeu anónimo, pelo que as suas “predições” não seriam mais do que História escrita sob a forma de “profecia”. O autor do livro de Daniel teria construído o “sonho” do segundo capítulo a partir do conhecimento que ele tinha da História passada, dando-lhe uma aparência profética. Para defenderem esta tese, os teólogos liberais propõem uma outra teoria de interpretação dos quatro impérios do sonho de Nabucodonosor II. Esta teoria é conhecida como a “hipótese grega”, porque sustenta que os quatro impérios que o autor do livro de Daniel tinha em mente eram a Babilônia, a Média, a Pérsia e a Grécia. Dado que o autor anónimo do livro de Daniel o teria escrito por volta de 164 a.C., ele consideraria o império Greco-Macedónico, entretanto dividido entre o Diádocos, como o último império antes da manifestação do reino messiânico de Deus (representado pela pedra que destrói a estátua de metal).²

Pois bem, se pudermos demonstrar que a “hipótese romana” é a interpretação que melhor se ajusta aos factos textuais do sonho relatado no segundo capítulo

de Daniel, teremos feito três coisas. Primeira, teremos mostrado que a hipótese liberal de interpretação dos quatro reinos é incorreta, pelo que o seu questionamento do caráter inspirado do sonho de Nabucodonosor II perde todo o apoio exegético. Segundo, teremos mostrado que não há, assim, qualquer razão exegética para se argumentar que o capítulo segundo do livro de Daniel teria sido escrito por volta de 164 a.C.. Fica deste modo sustentada a datação original do segundo capítulo proposta pelo próprio livro de Daniel, isto é, fica determinado que o sonho foi originalmente dado a Nabucodonosor II, no seu segundo ano de reinado (603 a.C.), e que ele foi passado a escrito pelo próprio Daniel durante o fim da vida deste.³ Terceiro, teremos assim demonstrado que o sonho relatado no segundo capítulo de Daniel foi divinamente inspirado, pois apenas Deus poderia ter, no ano 603 a.C., um conhecimento prévio exato do desenrolar da História de 605 a.C. a 476 d.C.. Aliás, uma vez estabelecida a validade da “hipótese romana”, mesmo que se admitisse – apenas para possibilitar a discussão – que o livro de Daniel fora escrito em 164 a.C., o seu autor teria de ser inspirado para saber que o império que se sucederia ao desmembrado império Greco-Macedónico era o império de Roma e que este império se tornaria, no fim da sua história, um “reino dividido” (Dan. 2:41-43). De facto, em 164 a.C. o império romano ainda estava longe de controlar os reinos helenísticos que tinham resultado da fragmentação do império de Alexandre Magno. É apenas 134 anos mais tarde, no ano 30 a.C., que Roma vai conseguir controlar o Egito ptolemaico, o último dos referidos reinos helenísticos. E será

apenas por volta de 476 d.C., isto é, mais de 630 anos depois da suposta data de redação do livro de Daniel pelo alegado judeu anônimo, que ocorrerá a divisão do império romano. Portanto, mesmo se admitíssemos – o que não fazemos – que o sonho do capítulo dois de Daniel tinha sido escrito apenas por volta de 164 a.C., ainda assim estaríamos perante uma verdadeira profecia, profecia essa que se revelava absolutamente correta. Basta para tanto que se revele ser verdadeira a “hipótese romana”, que iremos defender aqui.

Assim, nesta série de dois artigos iremos mostrar que a interpretação correta do sonho do segundo capítulo de Daniel é a interpretação subjacente à “hipótese romana”. Portanto, tal como defendeu a esmagadora maioria dos teólogos judeus e cristãos até ao século XIX e tal como defendem ainda hoje os teólogos Adventistas do Sétimo Dia, mostraremos, exegética e historicamente, que os quatro impérios profetizados no sonho de Nabucodonosor II são o império Neo-Babilónico, o império Medo-Persa, o império Greco-Macedónio e o império Romano. Não iremos criticar diretamente a “hipótese grega” dos teólogos liberais, simplesmente porque basta demonstrar que a “hipótese romana” é a interpretação correta para retirar a validade à sua antagonista.⁴ O método que seguiremos é o de permitir que o próprio livro de Daniel nos mostre a interpretação correta através da “analogia da Escritura”, isto é, usaremos as passagens mais claras para esclarecer as passagens mais difíceis. Uma vez alcançado este desiderato, poderemos recorrer à História para substanciarmos as identificações históricas dos quatro impérios simbolizados pelos metais

da estátua. O nosso objetivo é mostrar a correção da “hipótese romana” e, assim, provar também a inspiração profética do sonho de Nabucodonosor II, relatado no segundo capítulo de Daniel. Dada a extensão da nossa discussão, ela será dividida em dois artigos. Este primeiro artigo mostra o caráter escatológico do sonho de Nabucodonosor II, esclarece o significado e o simbolismo geral da estátua de metal e aborda a interpretação do primeiro império, representado pela cabeça de ouro. O segundo artigo abordará a interpretação dos três últimos impérios, simbolizados pelo peito e pelos braços de prata, pelo ventre e pelas coxas de bronze e pelas pernas de ferro da estátua, e terminará com uma conclusão geral.

O caráter escatológico do sonho de Nabucodonosor II

Daniel é claro quanto ao caráter escatológico do sonho de Nabucodonosor II, registado no segundo capítulo do seu livro. De facto, no preâmbulo que faz à revelação e à interpretação do sonho, Daniel afirma que Deus deu a conhecer ao rei o que aconteceria “no fim dos dias” (Dan. 2:28). Esta frase aramaica – *be’aharit yômayya’* – tem aqui claramente uma conotação escatológica. A sua correspondente hebraica encontra-se especialmente no Pentateuco (Gén. 49:1; Núm. 24:14; Deut. 4:30; 31:29) e nos profetas (Isa. 2:2; Eze. 38:16; Ose. 3:5; Miq. 4:1; cf. Dan. 10:14) e indica sempre um tempo no futuro, futuro esse que pode ser mais próximo ou mais afastado, dependendo do contexto. Por vezes, esse tempo futuro é claramente o tempo messiânico (Isa. 2:2; Miq. 4:1). No contexto do capítulo 2 de Daniel fica claro que o sonho do rei refere-se a eventos históricos

que ocorrerão num futuro próximo, mas também num futuro distante (cf. Daniel 2:28 e 29, 45). Na verdade, o conteúdo do sonho mostra que ele se estende desde os dias de Nabucodonosor II até à instauração do reino de Deus no tempo do fim, pelo que a frase “no fim dos dias” tem aqui claramente um sentido escatológico. Ela faz referência ao tempo do fim, que culmina com a instauração do reino messiânico. Assim, o sonho revela o destino final do mundo e da Humanidade.⁵ Em seguida vamos interpretar a primeira parte do sonho de Nabucodonosor II, onde se apresenta a sucessão de quatro impérios simbolizados por quatro metais, procurando identificar os referentes históricos dos seus símbolos. A descrição do sonho começa por fazer referência a uma grande estátua de metal.

A visão de uma estátua de metal (Daniel 2:31)

É interessante notar que Daniel começa a sua descrição do sonho do rei indicando as circunstâncias em que Nabucodonosor II se encontra no interior do próprio sonho. De facto, o rei não apenas recebe o sonho, mas é ele mesmo um personagem do sonho, enquanto observador da estátua e do que acontece a esta. Por isso, Daniel afirma: “Tu, ó rei, estavas vendo e eis uma estátua alta. Esta estátua era grande e o seu brilho era extraordinário. Ela estava diante de ti e o seu aspeto era aterrador” (Dan. 2:31). Nabucodonosor II começa por ver “uma estátua alta”. A palavra aramaica *ts’lem* denota uma imagem em três dimensões, isto é, uma “estátua”. Esta estátua é em si mesma uma unidade, pois ela é referida como sendo “uma estátua”. Fica assim indicado que os impérios que a estátua repre-

senta constituem uma unidade, pois são todos eles o resultado do esforço humano que busca alcançar o domínio.⁶ Sendo constituída por quatro tipos de metais, a estátua refletia intensamente a luz e, por isso, surge aos olhos do rei como tendo um “brilho extraordinário”. Este brilho também representa simbolicamente a glória e o poder dos reinos humanos que a estátua representa.

Aos olhos de Nabucodonosor II a estátua com forma humana tinha “um aspeto aterrorizante”, provavelmente devido ao seu brilho e às suas extraordinárias dimensões. No antigo Médio Oriente, uma estátua representava frequentemente

a presença de alguém dotado de autoridade, fosse este um deus ou um rei. A estátua que Nabucodonosor II viu em sonho tem claramente forma humana, mas não é possível determinar se se tratava da representação de um ser divino ou de um monarca. Na verdade, dado que ela representa os sucessivos impérios criados no seio da Humanidade (Dan. 2:37-43), a estátua provavelmente representa simplesmente um homem. Ela seria assim um símbolo da Humanidade na sua tentativa de se autogovernar independentemente de Deus. A estátua representaria, pois, os reinos humanos, em oposição ao reino de Deus representa-

do pela pedra (Dan. 2:34 e 35, 44 e 45). A estátua que representa os destinos da Humanidade é composta por quatro metais de valor decrescente (Dan 2:32 e 33). No mundo antigo, este simbolismo, que associava os metais a épocas da história humana, era bem conhecido. Há antigos paralelos em que se representa a História através de uma sequência de metais de valor decrescente; mas não sob a forma de uma estátua. O poeta grego Hesíodo (c. 800 a.C.), na sua obra *Os trabalhos e os dias* (1.109-201), usa a sucessão dos metais – ouro, prata, bronze e ferro – para representar as várias eras da história humana. Mais recentemente



te, o poeta romano Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.), na sua obra *Metamorfoses* (1.89-162), também usa a mesma imagem da sucessão de metais para significar as quatro eras da história da Humanidade. Esta coincidência parcial entre Hesíodo, Ovídio e Daniel reflete a existência de uma tradição comum na Antiguidade que foi apropriada diferentemente por Hesíodo e Ovídio e por Deus.⁷ Deus terá usado esta imagem tradicional para comunicar eficazmente a Nabucodonosor II os Seus desígnios para a história do mundo. Ao fazê-lo, Ele adotou a imagem da sucessão dos quatro metais para significar uma sucessão, não de eras históricas, mas de impérios humanos.

Devemos ainda notar que a estátua é constituída por quatro metais – ouro, prata, bronze e ferro – e por cerâmica. Note-se que os metais são referidos de tal forma que eles se sucedem segundo um valor monetário decrescente. A sequência começa com o “ouro puro” e termina com o “ferro” misturado com “cerâmica” (Dan. 2:32 e 33). Portanto, começa-se com o metal mais nobre e termina-se com o metal menos valioso, a que se sucede a vulgar cerâmica. De facto, no mundo antigo o ouro e a prata eram dois metais que simbolizavam o que é mais precioso e valioso. Por seu lado, a cerâmica era o material menos valioso (cf. Lam. 4:2). Note-se também que o valor relativo dos metais corresponde ao valor relativo das partes do corpo humano da estátua que eles consubstanciam. Assim, o ouro corresponde à cabeça, a prata ao peito e aos braços, o bronze ao ventre e às coxas, o ferro às pernas e o ferro misturado com cerâmica aos pés. Portanto, ao metal mais nobre corresponde a parte do corpo mais nobre, e assim suces-

sivamente até se chegar ao metal menos nobre e à cerâmica, a que corresponde a parte do corpo menos nobre. É também notável que, embora se sucedam segundo um valor decrescente, os metais que constituem a estátua sucedem-se também segundo um grau crescente de resistência e de dureza. Assim, o ouro é o metal mais dúctil, seguindo-se depois a prata, que é um pouco mais dura do que o ouro, e o bronze, que oferece mais resistência do que a prata, até chegarmos ao ferro, que é o metal mais duro. Aliás, o próprio texto de Daniel sublinha este aspeto da constituição da estátua metálica, ao enfatizar que o quarto reino “será forte como o ferro” (Dan. 2:40) e ao afirmar que o reino dividido terá nele “a solidez do ferro” (Dan. 2:41), mas também será “frágil” por estar misturado com a frágil cerâmica (Dan. 2:42). Finalmente, há também um contraste entre os materiais metálicos, valorizados e apreciados pelo homem na Antiguidade e a pedra não trabalhada, que não tem qualquer valor monetário (cf. Isa. 60:17). Este esquema simbólico, traduzido pelo decréscimo do valor dos metais e pelo aumento da sua resistência à medida que se vai da cabeça da estátua até aos seus pés, denota uma valoração político-militar e económica (*i. e.*, referente ao luxo) dos reinos que os metais representam. O primeiro reino, a cabeça de ouro, é assim considerado como economicamente mais exuberante e mais luxuoso, mas menos poderoso na sua influência político-militar, nomeadamente na sua extensão territorial. Em seguida, o segundo reino – o peito e os braços de prata – surge como menos luxuoso e menos exuberante em termos económicos, mas mais forte em termos político-

-militares, abrangendo um maior espaço territorial. Por sua vez, o terceiro reino – o ventre e as coxas de bronze – é economicamente menos esplendoroso e luxuoso, mas ultrapassa o segundo em poder político-militar e em extensão territorial. Finalmente, o quarto reino – as pernas de ferro – é economicamente menos desenvolvido e menos luxuoso, mas muito forte na esfera político-militar, abrangendo o maior território de todos os reinos considerados. Quando identificarmos os quatro impérios simbolizados pelos metais da estátua, veremos que este esquema corresponde à realidade histórica da sucessão dos referidos impérios e deve ser tomado como critério ao fazermos a interpretação dos referentes históricos dos símbolos do sonho.

Babilónia, a cabeça de ouro (Daniel 2:32a, 37 e 38)

Daniel começa então a descrever a estátua do sonho e a interpretar o seu simbolismo. Ele inicia a descrição do colosso pela cabeça, a parte mais nobre da estátua. “Quanto a esta estátua, a sua cabeça era de ouro puro” (Dan. 2:32a). O que representa a cabeça de ouro? O próprio Daniel oferece-nos a interpretação, quando afirma: “Tu, ó rei, és rei dos reis, a quem o Deus dos céus deu o reino, o poder, a força e a glória. E onde quer que habitem os filhos do homem, os animais do campo e os pássaros dos céus, ele deu-tos na tua mão e fez-te dominar sobre todos eles. Tu és a cabeça de ouro” (Dan. 2:37 e 38). Nesta explicação, Daniel dirige-se a Nabucodonosor II, usando o título “rei dos reis”. De facto, os reis babilónicos tinham como título em Acádico *shar sharrani*, “reis dos reis”. A frase aramaica *malek malkayya'* corresponde a este título

tradicional. Ela é também uma forma semítica de expressar o superlativo, pretendendo significar que Nabucodonosor II era “o maior de todos os reis”. O profeta Ezequiel usa igualmente este título para designar Nabucodonosor II (Eze. 26:7). Daniel torna igualmente claro que Nabucodonosor II recebeu a sua autoridade imperial do próprio Deus (cf. Dan. 1:2; Jer. 25:9; 27:6; 28:14). Assim, segundo Daniel, Nabucodonosor II é a “cabeça de ouro”. No Hebreu e no Aramaico, a palavra “cabeça” (*ro'sh*) tem sempre uma conotação de superioridade e de primazia. Deste modo, o reino Neo-Babilónico que Nabucodonosor II governa é o mais destacado e o primeiro de todos os impérios da Antiguidade. Note-se que, embora identifique a “cabeça de ouro” com o rei Nabucodonosor II, na verdade a “cabeça de ouro” representa o reino Neo-Babilónico, em toda a sua duração histórica. De facto, fica claro no seguimento da interpretação do sonho que todas as partes metálicas do corpo da estátua representam não reis, mas “reinos” (cf. Dan. 2:39-42). Na sua interpretação, Daniel identifica Nabucodonosor II com todo o reino Neo-Babilónico, porque ele governou este império durante 43 dos 66 anos que Babilónia dominou a cena política do Médio Oriente e foi ele o responsável pela grandeza política, militar e cultural de Babilónia. Portanto, a cabeça de ouro representa o império Neo-Babilónico governado por Nabucodonosor II. Este império foi fundado por Nabopolassar, pai de Nabucodonosor II, e deteve a hegemonia política no Médio Oriente de 605 a.C., data em que Nabucodonosor subiu ao trono, até 539 a.C., data em que Babilónia foi conquistada por Ciro, o Grande, rei dos Medos e dos Persas. Na verdade, o reina-

do de Nabucodonosor II (605-562 a.C.) marcou o apogeu da glória do império Neo-Babilónico. Foi ele o grande criador e sustentador do poder babilónico. Os reis que lhe sucederam foram governantes fracos e limitaram-se a gerir o que o grande Nabucodonosor II tinha construído.⁸

Nos dias do reinado de Nabucodonosor II, a cidade de Babilónia era a maior e mais rica cidade do Médio Oriente. Ela recolhia os tributos em ouro provenientes de todas as províncias do grande império Neo-Babilónico. De facto, o ouro era o metal mais popular em Babilónia. Foi usada uma grande abundância de ouro para embelezar a cidade (Heródoto, *Histórias*, 1.181, 183; 3.1-7). Por isso, o profeta Jeremias compara Babilónia a uma “taça de ouro” (Jer. 51:7) e Isaías fala de Babilónia como sendo a “pérola dentre os reinos, o adorno e o orgulho dos caldeus” (Isa. 13:19). Babilónia era também a cidade do Médio Oriente mais influente em termos culturais e religiosos, sendo a capital de um vasto império. De facto, no tempo de Nabucodonosor II o império Neo-Babilónico governava toda a Mesopotâmia, a Síria e a Palestina.⁹

Conclusão

Vimos até aqui o significado simbólico da estátua metálica que protagoniza o sonho registado no segundo capítulo de Daniel e identificámos historicamente o império que corresponde à sua cabeça de ouro. No próximo artigo iremos interpretar e identificar historicamente as restantes partes da estátua metálica e retiraremos as conclusões que se impõem. ✨

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

1. Flávio Josefo, o historiador judeu do século I, foi

o primeiro autor de que há memória a identificar o quarto reino de Daniel como sendo Roma (*Antiguidades Judaicas*, 10.276). O autor anónimo judeu do livro apócrifo *VI Ezra*, escrito no final do primeiro século da nossa era, também identifica o quarto reino de Daniel com o império romano (12:11). Os sábios judeus do *Talmud de Babilónia* identificavam igualmente o quarto reino de Daniel com Roma (e.g., TB *Abodah Zarah* 2b). A esmagadora maioria dos intérpretes cristãos do livro de Daniel partilhavam a mesma interpretação, considerando Roma como o quarto império do livro de Daniel. Ver Gerhard Pfandl, “Interpretation of the Kingdom of God in Daniel 2:44”, *Andrews University Seminary Studies*, Autumn 1996, XXXIV(2), pp. 249-251. Para a história da interpretação pelos primeiros teólogos cristãos, veja-se Reinhard Bodenmann, *Naissance d'une exégèse – Daniel dans l'Eglise Ancienne des trois premiers siècles*, Tübingen: C. B. Mohr, 1986, pp. 259-272.

2. Veja-se, por exemplo, Samuel R. Driver, *The Book of Daniel*, Cambridge: Cambridge University Press, 1900 [Facsimile ed., Forgotten Books, 2012], pp. 94-102; James A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (The International Critical Commentary), Edinburgh: T. & T. Clark, 1972 [1st ed. 1927], pp. 185-192; John J. Collins, *Daniel* (Hermeneia), Minneapolis, Minn.: Augsburg Fortress, 1993, pp. 166-170; Ernest C. Lucas, *Daniel* (Appolos Old Testament Commentary, vol. 20), Downers Grove/Nottingham: IVP Academic/Apollos, 2002, pp. 76 e 77; Louis F. Hartman & Alexander A. di Lella, *The Book of Daniel* (The Anchor Yale Bible, vol. 23), New Haven: Yale University Press, 2005 (1st ed. 1978), pp. 29-42 e 147-150; Carol A. Newsom, *Daniel – A Commentary* (The Old Testament Library), Louisville, Ken.: Westminster John Knox Press, 2014, pp. 80-82; Norman W. Porteous, *Daniel* (The Old Testament Library), Philadelphia: The Westminster Press, 1965, pp. 44-50. M. Delcor, *Le livre de Daniel*, Paris: J. Gabalda, 1971, pp. 80-84.

3. Daniel terá posto por escrito o seu livro após o “terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia”, sobre o trono babilónico (Dan. 10:1), isto é, após 536 a.C.. De facto, a referida data surge como a última data mencionada no livro de Daniel. O profeta teria então cerca de noventa anos.

4. Para uma crítica da “hipótese grega” veja-se Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel – A Commentary*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1949 [n. ed., 1980], pp. 275-294 e Andrew E. Steinmann, *Daniel* (Concordia Commentary), Saint-Louis: Concordia Publishing House, 2008, pp. 144-157.

5. Zdravko Stefanovic, *Daniel, Wisdom to the Wise*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2007, pp. 96-97; Gerhard Pfandl, *Daniel, the Seer of Babylon*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004, p. 25; Samuel R. Driver, *Op. cit.*, p. 26.

6. Edward J. Young, *Op. cit.*, p. 71.

7. Gerhard Pfandl, *Op. cit.*, p. 22; John J. Collins, *Op. cit.*, pp. 162 e 163; Ernest C. Lucas, *Op. cit.*, p. 73; James A. Montgomery, *Op. cit.*, p. 188 e 189; Norman W. Porteous, *Op. cit.*, pp. 45 e 46; Jim Edlin, *Daniel – a Commentary in the Wesleyan Tradition* (New Beacon Bible Commentary), Kansas City: Beacon Hill Press, 2009, p. 79.

8. Zdravko Stefanovic, *Op. cit.*, p. 106; Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel – Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, pp. 29 e 30.

9. Para uma apreciação do poder de Babilónia no tempo de Nabucodonosor II, veja-se Beátrice André-Salvini, *Babilónia*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2001, pp. 42-123. Veja-se também V. Diakov e S. Kovalev, *História da Antiguidade – A sociedade primitiva*. O Oriente, Lisboa: Editorial Estampa, 1976, pp. 293-297.

Júnia, a apóstola

O nome de Júnia aparece apenas uma vez no Novo Testamento. Ela é mencionada numa lista de amigos e colaboradores em Roma, aos quais Paulo envia saudações, lista que está registrada em Romanos 16. Ao longo dos anos, têm sido levantadas questões acerca da sua identidade, da sua ocupação e, especialmente, do seu sexo. Neste artigo iremos considerar algumas destas questões e também as implicações das respetivas respostas.

Júnia

Podemos traduzir o grego de Romanos 16:7 da seguinte forma: “Saudai Andrónico e Júnia, que são meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais são reconhecidos *em/por/*

entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo.”¹ Eu coloquei o nome *Júnia*, os termos *em/por/entre* e a palavra *apóstolos* em itálico porque a identidade de Júnia depende da interpretação destas palavras.

Em grego, todos os substantivos têm uma parte final que mostra o seu caso, isto é, a sua função na frase. Aqui, tanto “Andrónico” como “Júnia” aparecem no caso acusativo, como objetos do verbo ativo “saudar”. Um nome masculino, objeto de um verbo, assume a forma acusativa *Andrónikon* neste versículo. O outro nome, *Iounian* (sem acentuação no texto grego), também no acusativo, é problemático.

A diferença entre o masculino *Iouniân* e o feminino *Iouniân* está apenas no acento. Na verdade, os

manuscritos gregos mais antigos, os unciais, estão escritos com letras maiúsculas, sem acentos. Assim, ambos os sexos assumiriam a forma IOUNIAN, deixando ao leitor a decisão de identificar o sexo de Júnia.

Para elucidar o sexo de Júnia, iremos considerar o uso do nome na Antiguidade e as referências a Júnia feitas pelos primeiros escritores cristãos; veremos também o nome nos antigos manuscritos gregos do Novo Testamento, bem como nos modernos Novos Testamentos em Grego.

O nome Júnia na Antiguidade

Apesar da afirmação de Wayne Grudem e de John Piper de que *Júnia* não era um nome de mulher comum no mundo de língua grega,² na verdade *Júnia* era um nome



romano de mulher comumente usado; ele significava “jovem”. Sendo derivado do nome da deusa Juno, o nome aparece mais de 250 vezes em Roma, apenas nos registros do primeiro século.³ Aí, o nome *Júnia* é frequentemente encontrado em lápides tumulares.⁴ O nome também aparece em inscrições do primeiro século em Éfeso, Didíma, Lídia, Troas e Bitínia.⁵ A *Júnia* mais conhecida é a meia-irmã de Brutus e mulher de Cassius.⁶

Se este nome fosse masculino, ele deveria ser *Junias*, em Grego, ou *Junius*, em Latim. O nome *Junius* está bem documentado. No entanto, não existe documentação para *Junias* em qualquer “inscrição, cabeçalho de carta, escrito, epitáfio ou obra literária do período do Novo Testamento”.⁷ Alguns sugeriram que *Iouniãs* se-

ria uma forma abreviada de *Iounianós*, mas este nome também não está atestado.⁸ Segundo Linda Belleville, “*Iouniãs* enquanto contração de *Iounianós* teve a sua origem no mundo de língua inglesa, com Thayer”, em 1885.⁹

Referências cristãs antigas

No seu comentário sobre Romanos, Joseph Fitzmeyer indicou 16 escritores cristãos gregos e latinos do primeiro milênio que compreenderam ser *Júnia* uma mulher. Entre estes, o mais antigo é Orígenes (185-254), cujo comentário sobre Romanos foi traduzido para Latim por Rufinus (345-410) e citado por Rabanus Maurus (776-856).¹⁰ No seu *Liber de Nominibus Hebraicis*, Jerónimo (345-419) indica o nome como *Júnia*.¹¹

De João Crisóstomo (344-407)

a Pedro Abelardo (1079-1142), os comentadores gregos e latinos da Epístola aos Romanos usaram o nome feminino *Júnia*. As únicas exceções são Ambrosiaster (do final do quarto século) e Atto de Vercelli (925-960), que usaram o nome *Júlia*, também nome de mulher.¹²

Aqueles que querem que *Júnia* seja um homem têm atribuído muita importância ao *Index Discipulorum*, atribuído a Epifânio (315-403), onde aparece o nome masculino *Junias*. No entanto, Belleville faz notar que Epifânio também faz de Priscila um homem e considera-a como tendo sido bispo de Colophon, enquanto o seu marido Aquila era bispo de Heraclea – dois locais muito diferentes. “Tanto a confusão de sexos, como as localizações estranhas colocam em questão o caráter fidedigno do documento”, conclui Belleville.¹³

Aegidius de Roma (1245-1316) foi o primeiro escritor da Igreja a fazer de Andrônico e de *Júnia* “aqueles honrados homens”.¹⁴ É interessante que isto corresponde à época em que o Papa Bonifácio VIII, célebre pelas suas dificuldades com Dante, decretou, em 1298, que todas as freiras deveriam estar permanentemente encerradas nos conventos.¹⁵

Júnia nos antigos manuscritos gregos do Novo Testamento

Quer o escriba de um manuscrito uncial quisesse escrever *Iounían*, quer quisesse escrever *Iouniân*, a diferença era irrelevante. As letras seriam escritas em maiúsculas e sem acentos: IOUNIAN. O gênero desta pessoa deve ser encontrado noutro lugar.

Os manuscritos escritos em minúsculas começaram a aparecer após o século sétimo. De facto, os manuscritos unciais foram

copiados em letras minúsculas, obrigando ao uso de acentos. Estes manuscritos em letras minúsculas apresentam o nome *Iounían*, fazendo de Júnia uma mulher. Segundo Eldon Epp, nenhum manuscrito grego escrito em minúsculas usou o masculino *Iouniân*.¹⁶

O *Novo Testamento Grego* das Sociedades Bíblicas Unidas indica, pelo menos, 20 manuscritos do Novo Testamento escritos em minúsculas que usam o feminino *Iounían*. Entre eles, os mais antigos são o 081 (de 1044) e o 104 (de 1087). O mais recente é o 2200, do século catorze.¹⁷

Mais de uma vez, em manuscritos do Novo Testamento e em escritos sobre este capítulo 16 de Romanos, o nome que surge no versículo 16 é dado como sendo “Júlia”, que aparece mais adiante, em Romanos 16:15. Isto pode ser visto em P46, um manuscrito uncial datável do ano 200.¹⁸ Mas, seja como for, “Júlia” é um nome feminino.

Richard Bauckham presume que a Júnia de Romanos 16:7 é a Ioanna de Lucas 8:3 e 24:10. O nome romano dela seria mais fácil de pronunciar e a sua antiga relação com Jesus faria dela certamente uma cristã convertida antes de Paulo. Andrónico seria

ou um segundo marido ou um nome romano assumido pelo seu marido Cuza.¹⁹

O nome nos Novos Testamentos Gregos impressos

Segundo o quadro de Epp, 38 Novos Testamentos Gregos, começando com Erasmo (1516) e terminando em Eberhard Nestle, em 1920, usam o nome *Iounían*, indicando que Júnia era do sexo feminino. Durante todos estes séculos há apenas uma exceção: Alford, no século XIX, usa a forma masculina, mas coloca no aparato crítico a forma feminina.²⁰

Da versão de Nestle de 1927 até ao Novo Testamento Grego UBS de 1993, apenas o Novo Testamento de Hodges-Farstad de 1982 usa o feminino; as outras 14 versões usam o masculino, frequentemente sem uma explicação alternativa no aparato crítico. Esta tendência é revertida com as versões de Kurt Aland de 1994 e da UBS de 1998, que regressam ao feminino, sem qualquer leitura alternativa.²¹

Júnia nas traduções em línguas modernas

As sete versões inglesas mais antigas, de Tyndale (1525-1534) à *King James Version* (1611),

têm todas Júnia como mulher. Da Versão Revista (1881) até à Nova Tradução Viva (1996), 21 traduções inglesas apresentam o masculino, enquanto 10 têm o feminino.²² Sobre esta tendência, Scot McNight observa, pesaroso: “Júnia não está só; as mulheres”, diz ele, “não se apropriaram, nem lhes foi permitido que se apropriassem, do seu lugar próprio no ministério”.²³

Algumas traduções recentes em Inglês ainda apresentam o masculino, sem dúvida porque as traduções antecessoras de que derivam usavam o masculino e porque a forma masculina estava no Novo Testamento Grego que serviu de base à sua tradução. Como estas são também a tradução francesa *Louis Segond*, a tradução espanhola *Bíblia de las Américas*, a revisão de 1995 da tradução espanhola *Reina-Valera*, a *New American Standard Bible*, a *Contemporary English Version*, e *The Message*, entre outras. No entanto, podemos nos interrogar sobre até que ponto o preconceito do tradutor surge em tais traduções.

Notável entre ou notada por

A frase grega *episêmoi en* tem sido considerada problemática por alguns estudiosos. É Júnia



um dos Apóstolos? Ou é ela reconhecida pelos apóstolos? A *Vulgata Latina* apresenta Júnias como “notável entre os apóstolos” (*No-biles in apostolis*).

João Crisóstomo escreve o seguinte sobre Andrônico e Júnias no seu comentário a Romanos 16:7: “Os quais são de notar entre os Apóstolos. E, de facto, ser um apóstolo é uma grande coisa. Mas ser de notar entre estes, considere que grande elogio isto é! Mas eles eram de notar devido às suas obras, aos seus sucessos. Oh! Quão grande é a devoção [*philosophia*] desta mulher, que ela chegasse a ser considerada merecedora do nome 'apóstolo!'”²⁴

Há pouca discussão sobre a questão do apostolado de Júnias até ao final do século XIX. William Sanday e Arthur Headlam fizeram notar, no seu comentário sobre Romanos, de 1895: “Júnias é, claro está, um nome romano comum e, neste caso, os dois seriam provavelmente marido e mulher; *Junias*, por outro lado, é menos

usual como nome de homem. [...]. Mas se, como é provável, Andrônico e *Junias* estão incluídos entre os apóstolos, [...] então é mais provável que o nome seja masculino.”²⁵

O adjetivo *episēmoi* (plural) refere-se a algo que tem uma marca distintiva, como um metal precioso gravado. A palavra pode ser usada para assinalar que uma coisa ou uma pessoa é considerada muito boa, como em Romanos 16:7, ou muito má, como quando é aplicada a Barrabás, em Mateus 27:16, em que a *New Revised Standard Version* (Nova Versão Padrão Revista) traduz *episēmos* (singular) por “notório”.²⁶

Segundo a *International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional), a palavra refere-se a algo de notável, uma coisa ou pessoa que é eminente ou merecedora de atenção.²⁷ A palavra *episēmos* também pode ser traduzida por “notável”. O *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on*

Semantic Domains (Léxico Grego-Ingês do Novo Testamento baseado em Domínios Semânticos) apresenta a seguinte definição: “Refere-se a algo que é bem conhecido ou destacado, por causa de características positivas ou negativas – 'extraordinário', 'famoso', 'notório', 'infame’.”²⁸

Desde 1900, a ideia de que o nome era Júnias, isto é, o nome de uma mulher estimada pelos Apóstolos, começou a circular em comentários escritos por vários autores.²⁹ Dado que se partia do princípio de que apenas um homem podia ser apóstolo, Júnias não podia ser um apóstolo, mas podia ser estimada pelos Apóstolos.

Em 1994, o Comentário Textual ao Novo Testamento Grego das UBS fez notar o seguinte: “Alguns membros [do comité das UBS], considerando que seria improvável que uma mulher estivesse entre aqueles chamados 'apóstolos', compreenderam o nome como sendo masculino.”³⁰

É notório que o ponto central do problema é a compreensão da preposição grega *en*, que pode ser traduzida como “em”, “entre”, “sobre”, ou até mesmo como “com” e “por”.³¹ A palavra denota localização ou meios e é normalmente seguida por uma palavra no caso dativo, como é o caso de *tois apóstólois*.

Que significado tem *en* aqui? São Andrónico e Júnica reconhecidos como sendo Apóstolos? Eram eles notáveis entre os Apóstolos? Esta é a interpretação *inclusiva*. Ou são eles reconhecidos pelos Apóstolos como pessoas notáveis, mas não eram Apóstolos? Esta é a interpretação *exclusiva*.

Em 2001, Michael Burer e Daniel Wallace apresentaram uma reexaminação de Romanos 16:7. Eles propuseram que Júnica era uma mulher e que ela e Andrónico eram admirados pelos Apóstolos. Após notarem o que parecia ser um erro daqueles que optavam pela interpretação inclusiva, eles

encontraram provas para a sua interpretação exclusiva no estudo de antigos documentos.³² *Episêmoi en tois apóstólois* deveria significar “notáveis para os apóstolos”.

Três respostas importantes ao seu artigo vieram de Bauckham, Belleville e Epp.³³

Bauckham analisou o estudo realizado por Burer e Wallace e pôs em causa as suas conclusões.³⁴ Belleville refez o estudo de Burer e Wallace e apresentou evidência bíblica para mostrar o seu erro. Ela mostrou que a preposição *en* mais dativo é normalmente inclusiva. Por exemplo, Mateus 2:6: Belém não é de modo nenhum a menor “entre as capitais de Judá”. Ela também encontrou paralelos helenísticos da frase *episêmoi en tois*, que são claramente inclusivos. Na obra de Luciano, *Diálogo dos mortos* 438, ela encontrou um paralelo exato a Romanos 16:7: “Os mais distintos entre os quais eram o

nosso compatriota rico Ismenodorus e...”³⁵ Além do mais, ela encontrou no trabalho de Burer e Wallace casos de má utilização das técnicas de investigação e erros de referência.³⁶ A conclusão de Belleville é clara: Júnica era uma mulher e contava-se entre os Apóstolos.³⁷ Em 2002, Eldon Epp escreveu um extenso artigo que se tornou na base para o seu livro de 2005, *Junia: A primeira mulher apóstolo*.³⁸ Nesse artigo ele apresentou um caso bem argumentado a favor da tese de que Júnica era uma mulher e estava entre os Apóstolos.

Os Apóstolos

A pergunta sobre quem são estes Apóstolos surge inevitavelmente. Como é óbvio, eles não são os Doze. Em I Coríntios 12:28, Paulo faz referência ao dom espiritual do apostolado. Teriam Andrónico e Júnica recebido este dom? Sabemos muito pouco,



exceto o significado da palavra grega *apostolos*: “Alguém que é enviado.” Se Andrónico e Júnias foram enviados ou comissionados, quem enviou Júnias?

Seja qual for o significado específico da palavra, os Apóstolos eram um grupo especial de pessoas que promoviam a missão de Cristo, tal como fez Paulo. Richard Bauckham sugere que Paulo refere-se a Apóstolos de Cristo, como ele próprio, que foram comissionados pelo Cristo ressurreto e que, juntamente com os Doze dos Evangelhos sinópticos, formam um grupo maior.³⁹ Orígenes afirmou que Andrónico e Júnias estavam entre os setenta enviados por Jesus.⁴⁰

João de Damasco (675?-749) escreveu a propósito de Júnias: “Ser chamada ‘apóstolo’ é algo importante. [...] Mas estar mesmo entre

aqueles que são mais notáveis, considerai que grande elogio isto é!”⁴¹

Ute Eisen faz notar: “No *Liturgikon*, o missal da Igreja Bizantina, Júnias é honrada até hoje como um Apóstolo, juntamente com cinquenta e seis Apóstolos masculinos e com as duas ‘semelhantes aos apóstolos’, Maria Madalena e Thecla.”⁴²

Craig Keener observa o seguinte: “Também não é natural ler o texto como significando que eles tinham uma boa reputação junto ‘dos apóstolos’. Dado que eles estiveram presos com ele, Paulo conhece-os suficientemente bem para os recomendar sem precisar de apelar aos outros Apóstolos, cujo parecer ele nunca cita em tais questões. [...] Em nenhum lado Paulo limita a companhia apostólica aos Doze mais ele, como alguns estudiosos pressupõem (veja-se em especial I Coríntios 15:5-11).

Aqueles que favorecem a tese de que Júnias não era uma mulher apóstolo fazem-no por causa da sua pressuposição prévia de que as mulheres não podiam ser Apóstolos, e não por causa de qualquer evidência no texto bíblico.”⁴³

Conclusão

É difícil completar este estudo sem concluir que Paulo está a referir-se a uma mulher chamada Júnias que, juntamente com Andrónico (provavelmente o seu marido), fazia parte do grupo dos Apóstolos do Novo Testamento. Paulo reconhece-a como uma dos Apóstolos, uma mulher que estava disposta a sofrer pelo Evangelho que operosamente disseminava. ✦

• **Nancy Vyhmeister**
Professora de Teologia

1. Tradução da autora.

2. Wayne Grudem e John Piper, “An Overview of Central Concerns”, in: *Recovering Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1991), 79-81. Grudem e Piper pretendem que encontraram apenas três ocorrências deste nome na base de dados do *Thesaurus Linguae Graecae*, enquanto Linda Belleville encontrou sete. Veja Linda Belleville, “Iouian... epîsêmoi en tois apostólois: A Reexamination of Romans 16:7 in Light of Primary Source Materials”, *New Testament Studies* 51 (2005): 231-249.

3. Joyce Salisbury, *Encyclopedia of Women in the Ancient World* (Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2001), s.v. “Junia”.

4. Linda Belleville, “Women Leaders in the Bible” in: *Discovering Biblical Equality*, ed. Ronald Pierce e Rebecca Merrill Groothuis (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 117.

5. *Ibid.*; veja também Belleville, “Reexamination”, 241.

6. Belleville, “Reexamination”, 234.

7. Belleville, “Women Leaders”, 117.

8. Eldon Epp, *Junia: The First Woman Apostle* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2005), 26-28.

9. Belleville, “Reexamination”, 239.

10. Joseph Fitzmyer, *Romans*, vol. 33 of the Anchor Bible (New York: Doubleday, 1993), 737 e 738.

11. Jerónimo, *Liber de Nominibus Hebraicis*, *Migne Patrologia Romana*, coluna 895, www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0347-0420_Hieronymus_Liber_De_Nominibus_Hebraicis_MLT.pdf.

Ali Júnias está erradamente listada sob a epístola de Tiago, mas a nota de rodapé indica que o nome realmente surge em Romanos.

12. Ute Eisen, *Women Officeholders in Early Christianity: Epigraphical and Literary Studies*, trad. Linda Maloney (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2000), 47.

13. Belleville, “Reexamination”, 235.

14. Bernardette Brooten, “Junia... Outstanding Among the Apostles”, in: *Women Priests: A Catholic Commentary on the Vatican Declaration*, ed. Leonard Swidler e Arlene Swidler (New York: Paulist Press, 1977), www.womenpriests.org/classic/brooten, asp.

15. Eisen, *Women Officeholders*, 47, que apresenta em nota de rodapé: Brooten, “Junia... Outstanding Among the Apostles”, 141-144; Elizabeth Makowski, *Canon Law and Cloistered Women: “Periculosa” and Its Commentators*, 1298-1545 (Washington, DC: Catholic University of America, 1999); Diane McDonnell, “Junia, a Woman Apostle”, *The Church of God*, acessado em 26 de agosto de 2012, www.churchofgodfw.com/monthly/junia.shtml.

16. Eldon Epp, *Junia: The First Woman Apostle* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2005), 45.

17. United Bible Societies, *The Greek New Testament*, 4th ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993), 564.

18. Bruce Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (Stuttgart: United Bible Societies, 1971), 539.

19. Richard Bauckham, *Gospel Women: Studies of the Named Women in the Gos-*

pels (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), 109-202.

20. Epp, *Junia: The First Woman Apostle*, 62 e 63.

21. *Ibid.*

22. *Id.*, 66.

23. Scot McKnight, *Junia Is Not Alone: Breaking Our Silence About Women in the Church Today* (Englewood, CO: Patheos, 2008), e-book.

24. João Crisóstomo, *Homily 31 on the Epistle to the Romans*, on Romans 16:7, in: Philip Schaff, ed., *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, n.d.), vol. 11, acessado em 26 de agosto de 2012, www.ccel.org/ccel/schff/npnf111.pdf.

25. William Sanday e Arthur Headlam, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*, vol. 32 of *The International Critical Commentary* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1895), 423. A mesma leitura permaneceu sem modificação em edições muito posteriores, incluindo a impressão de 1962.

26. Gerhard Kittel, Geoffrey Bromiley e Gerhard Friedrich, eds, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-1976), s. v. “Episêmos”.

27. *International Standard Bible Encyclopedia*, rev. ed. (1986), s. v. “Notable”.

28. Johannes Louw e Eugene Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*, 2nd ed. (New York: United Bible Societies, 1988-1989), vol. 2, no 28.31.

29. Veja a lista em Epp, *Junia: The First Woman Apostle*, 106n1 do capítulo 4.

30. Bruce Metzger, *A Textual Commentary*, 322.

31. *Theological Dictionary of the New Testament*, s.v. “en”.

32. Michael H. Burer e Daniel B. Wallace, “Was Junia really an apostle? A Reexamination of Rom. 16:7”, *New Testament Studies* 47 (2001): 76-91.

33. Richard Bauckham, *Gospel Women*; Linda Belleville, “Reexamination”, 231-249; Eldon Epp, *Junia*.

34. Bauckham, *Gospel Women*, 172-180.

35. *Id.*, 246.

36. Belleville, “Reexamination”, 242-247.

37. *Id.*, 248; ver também Belleville, “Women Leaders”, 119 e 120.

38. Eldon Epp, “Text-Critical, Exegetical and Socio-Cultural Factors Affecting the Junia/Junias Variations in Romans 16:7” in: *New Testament Textual Criticism and Exegesis: Festschrift J. Delobel*, ed. A. Denaux, *Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium* 161 (Leuven: Leuven University Press, 2002), 227-291; Epp, *Junia*, 45.

39. Bauckham, *Gospel Women*, 179 e 180.

40. Pederson, *The Lost Apostle: Searching for the Truth About Junia* (San Francisco: Jossey-Bass, 2006), 36.

41. Belleville, “Re-Examination”, 235, citando João de Damasco, *Paul's Epistles* 95.565.

42. Eisen, *Women Officeholders*, 48; Rena Pederson, também indica que Maria Madalena e Thecla eram consideradas apóstolos; veja *The Lost Apostle*, 48 e 49, 61-75.

43. Craig Keener, *Paul, Women and Wives* (Peabody, MA: Hendrickson, 1992), 242, citado em Rebeca Merrill Croothuis, *Good News for Women: A Biblical Picture of Gender Equality* (Grand Rapids, MI: Baker, 1997), 195.

ADRA OFERECE EDUCAÇÃO AOS IRAQUIANOS DESLOCADOS NO CURDISTÃO

ANN/RA

A violência no Iraque deslocou pelo menos 3 milhões de pessoas, 50 por cento das quais fugiram para as províncias controladas pelos curdos no Norte do Iraque, onde a Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência (ADRA) está a prestar assistência humanitária. Durante mais de seis meses, a ADRA tem estado a atuar no Acampamento de Pessoas Deslocadas Internamente (IDP, na sigla em inglês) em Baharka, prestando socorro a famílias que foram forçadas a abandonar as suas casas para fugir aos combates no Iraque. Os programas da ADRA centralizam-se na educação informal, proteção e recuperação dos meios de subsistência para as famílias mais vulneráveis do acampamento. Através dos programas da ADRA, professores voluntários estão a oferecer educação informal às crian-

ças pequenas com o auxílio de materiais fornecidos pela UNICEF, seguindo simultaneamente os princípios orientadores estabelecidos pelo Governo Regional do Curdistão, no Iraque. “Durante as férias escolares e o mês do Ramadão, a ADRA é, neste momento, a única organização não-governamental que se dedica a prestar educação informal às crianças com idades de 4 e 5 anos no acampamento de Baharka”, disse Leyn Gantare, diretor da ADRA no Curdistão. A organização humanitária está igualmente a fornecer uma refeição nutritiva a cada criança que frequenta o programa e a organizar atividades recreativas para 400 crianças. Estas ações para crianças compreendem eventos desportivos, concursos de desenho, música, jogos, etc.. “Este tipo de atividades permite que as crianças se expressem e se relacionem socialmente com outras crianças”, explicou Gantare. “As nossas atividades são

especialmente direcionadas para os meninos e meninas com deficiência.” A UNICEF, entidade parceira da ADRA, está a providenciar tendas que servirão para a educação e como espaços acolhedores que permitam que as crianças se mantenham ocupadas de forma construtiva e segura. Para aumentar a capacidade de resistência da população deslocada, a ADRA está a oferecer pequenas subvenções que possibilitem às famílias iniciarem as suas próprias pequenas empresas. Os mobilizadores comunitários e conselheiros sociais da ADRA estão a acompanhar regularmente os proprietários das empresas, assim como a prestar formações em gestão empresarial e financeira. A ADRA tem estado a oferecer lições em curdo e a ajudar adultos e crianças a integrarem-se nas comunidades locais. Os programas da ADRA no Curdistão incluem também campanhas de consciencialização para os Iraquianos deslocados e para



a comunidade curda sobre a higiene, os perigos do casamento infantil, a educação das crianças, as boas relações e a cooperação comunitária, e a inclusão de pessoas com deficiência, entre outros temas. A Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência Internacional é o braço humanitário da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O seu trabalho fortalece as comunidades e muda vidas ao redor do mundo, fornecendo desenvolvimento comunitário sustentável e socorro em desastres. Para obter mais informações, visite ADRA.org.pt.

LÍDERES NA MALÁSIA USAM A ESCOLA CRISTÃ DE FÉRIAS PARA FORTALECER O EVANGELISMO DE ADULTOS

ANN/RA

Uma campanha evangelística Adventista recentemente realizada em Sarawak, na Malásia, contou com uma ênfase especial no ministério em favor das crianças. Tendo os líderes da Igreja em Kampung Simboh preparado uma campanha a decorrer de 2 a 8 de agosto, o seu plano ori-

ginal consistia em enfatizar o programa dos adultos. No entanto, rapidamente perceberam que um programa para as crianças também era necessário para melhor se alcançar as famílias nas comunidades vizinhas. Quando foi sugerido que eles deveriam organizar uma Escola Cristã de Férias (ECF) para alcançar as crianças, os organizadores da campanha aceitaram

a sugestão. Embora a ECF seja tradicionalmente usada durante os dias de verão ou de férias da escola, os líderes descobriram que ela, com alguns ajustes, complementava muito bem o programa dos adultos. Como reagiram as crianças? Na primeira noite estiveram presentes 89 crianças, mas na noite seguinte aumentou a frequência tanto de adultos como de crianças.

O tema da ECF – “Miúdos do Rei” – parecia fascinar as crianças, ao participarem nos jogos, nos trabalhos manuais e nas histórias interativas. A assistência à ECF foi aumentando cada noite, até que na sexta-feira à noite se atingiu um número de 135 crianças. Quando os líderes da ECF convidaram as crianças a participarem no programa do dia seguinte, eles não calculavam



quantas delas viriam, pois o programa final decorreria no sábado de manhã. Para sua surpresa, 179 crianças apareceram, tendo muitos dos participantes trazido amigos e familiares que não tinham vindo até então. No fim do programa, as crianças exprimiram a sua esperança de que se realizasse um programa semelhante para o próximo ano. Esta reação das crianças

teve impacto entre os líderes da Igreja. “Fiquei feliz com o sucesso que tivemos na recente ação e evangelismo com a Escola Cristã de Férias”, comentou o pastor Joggerly Gelu, Diretor dos Ministérios da Criança da Missão de Sarawak. Ele acrescentou ainda: “A participação tanto dos adultos como das crianças aumentou todas as noites, até atingir uma assistência

média de 300-350 pessoas por noite.” Com um total de 69 batismos resultantes da campanha evangelística, os organizadores aprenderam que programas centrados na família que enfatizem a evangelização das crianças podem ser ferramentas vitais para a evangelização de áreas dominadas por religiões não cristãs. Kampung Simboh está localizada a cerca de 23

quilômetros da sede da Missão de Sarawak. A Malásia é um país predominantemente islâmico, mas o Budismo, o Hinduísmo, o Sikismo, as religiões chinesas, as religiões animistas e o Cristianismo são também livremente praticados pelos 23 milhões de habitantes. Existem na Malásia 28 igrejas Adventistas do Sétimo Dia e cerca de 5500 membros. ✨

CHEIAS EM MYANMAR PROVOCAM DANOS EM 32 IGREJAS ADVENTISTAS

ANN/RA

Durante o mês de agosto, os Adventistas em Myanmar deram seguimento às suas ações de avaliação e de ajuda humanitária nas áreas atingidas pelas cheias no Ocidente do país. Seis semanas de chuvas torrenciais acompanhadas de ventos fortes, provocados por um ciclone, causaram inundações e deslizamentos de terras em quatro zonas do Oeste do país, deixando aproximadamente 100 mor-

tos e um milhão de pessoas afetadas, segundo notícias. Embora 32 igrejas tenham ficado danificadas, membros e líderes mostraram-se empenhados em ajudar as suas comunidades. Voluntários dos Serviços Comunitários Adventistas (ACS) distribuíram artigos necessários a cerca de 500 sinistrados. A ACS organizou igualmente uma ação de distribuição de alimentos a cerca de 2 mil pessoas que foram deslocadas devido às inundações anteriores ocorridas no Sudeste. Tha Tun Aye, tesou-

reiro da Missão Central de Myanmar, informou que os líderes da Igreja “estão a planejar, juntamente com o coordenador da ACS na União de Myanmar, o envio de médicos e profissionais de saúde para as regiões fustigadas pelas cheias”. A ADRA Myanmar, em articulação com as equipas do governo e grupos não-governamentais, iniciou uma ação de emergência às necessidades não respondidas na região noroeste. O plano de resposta inicial incluiu a distribuição de alimentos e água

às vítimas. Brendon Irvine, diretor da ADRA Myanmar, referiu que “está prevista uma resposta mais alargada da ADRA Internacional no valor de 50 mil dólares, assim que se reunirem informações mais detalhadas sobre as necessidades, o que possivelmente incluirá outras zonas”. Uma vez que estavam ainda previstas chuvas de monção para o mês de agosto, a Igreja Adventista em Myanmar preparou-se para intensificar a sua ajuda e levar o conforto de Cristo à população afetada. ✨

NOTÍCIAS NACIONAIS



2ª FORMAÇÃO DE SAÚDE PARA OBREIROS DA UPASD

Daniel Bastos
Diretor do Departamento de Saúde e Esperança

Teve lugar em Penela, no Centro de Vida Saudável *Vita et Salus*, de 28 de junho

a 3 de julho, a 2ª Formação de Saúde para Obreiros da UPASD. Desta vez puderam participar seis obreiros, mais a esposa de um destes. Logo à chegada, cada obreiro foi sujeito a uma série de testes físicos e emocionais,

para melhor compreender as suas necessidades e os seus desafios. Os temas da formação foram os seguintes: Nutrição, doenças comuns, saúde mental, filosofia Adventista de saúde, hidroterapia e tratamentos



simples, evangelismo pela saúde e missão, medicina alternativas e práticas aceitáveis em medicina complementar. Cada dia, além da formação teórica de saúde ministrada pelo Departamento de Saúde da União e pelos profissionais de saúde

da APMP, cada participante teve oportunidade de praticar um estilo de vida mais saudável. Logo pela manhã havia um excelente pequeno-almoço, seguido de uma caminhada ao ar livre. Nos intervalos das aulas bebia-se muita água. Na parte da tar-

de realizava-se algum trabalho manual e ao final do dia eram contados os passos dados no pedómetro que cada um trazia à cintura. Antes de dormir, havia tempo para refletir em Deus, no Seu amor e nos Seus ideais para cada um de nós. Deitar cedo

também fazia parte do programa. A avaliação feita pelos obreiros resultou na atribuição de uma nota bastante positiva ao programa e num novo entusiasmo para “viver mais” e para ensinar outros a “viver mais” por preceito e também pelo exemplo. 

VISITA DE VEREADORA DE LOURES ÀS INSTALAÇÕES DA IGREJA DE SACAVÉM

Eurico Vidro
– Promotor Bíblico

No passado dia 10 de junho, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Sacavém recebeu, com agrado, a visita da Vereadora Maria Eugénia Coelho, do Departamento de Coesão Social e Habitação, em representação do Presidente da Câmara. Nesta visita, a

Dra. Maria Eugénia Coelho teve a oportunidade de conhecer mais de perto as instalações da nossa igreja em Sacavém. Durante o encontro houve uma agradável troca de impressões entre o pastor Enoque Nunes e a senhora Vereadora, sendo um dos temas da conversa a cooperação entre a Câmara Municipal de Loures e a igreja Adventista do Sétimo Dia de Sacavém. Esta ami-

gável conversa mostrou que é possível ampliar a colaboração da nossa igreja com a Câmara de Loures no âmbito dos projetos sociais que esta venha a desenvolver. É de salientar que as relações entre a igreja Adventista do Sétimo Dia de Sacavém e a Câmara Municipal de Loures são e sempre foram excelentes. Estamos certos de que Deus irá servir-Se desta oportunidade para fazer



avancar a Sua obra em Sacavém. Este é o nosso desejo. 

CAMPANHA DE EVANGELIZAÇÃO E BATISMOS NA IGREJA DE SACAVÉM

Eurico Vidro
– Promotor Bíblico

De 25 de abril a 2 de maio do corrente ano, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Sacavém realizou uma campanha de evangelização ten-

do por tema “O caminho da esperança”. O pastor Enoque Nunes foi o orador. Durante a campanha tivemos em média cinco visitas por noite. No total, contámos com a presença de trinta e três visitas, tendo sido distribuídas vinte e cinco Bíblias. No dia 23 de maio,

quatro almas (Helena, Paulo, Esmael e Ayed) desceram às águas batismais. Outras três almas foram recebidas na igreja por profissão de fé. Muitos cânticos de louvor foram entoados, numa atmosfera solene e cheia de simbolismo. Juntámos, assim,

as nossas vozes às dos anjos, que festejavam pelo batismo de pecadores arrependidos e rendidos a Jesus. Que Deus seja louvado pelos batismos realizados e nos dê forças e sabedoria para acompanhar e instruir aqueles que tomaram a decisão de seguir Jesus. 

NOVOS BATISMOS EM SACAVÉM

Eurico Vidro
– Promotor Bíblico

A igreja Adventista do Sétimo Dia de Sacavém tem sido muito abençoada neste ano de 2015. Depois de termos assistido à descida às águas batismais, no mês de maio, de quatro candidatos, sobre os quais nos referimos oportunamente noutra

notícia, mais quatro jovens – Celso, Alex, Hélder e Miro – venceram os complexos e a hesitação e decidiram também entregar-se a Jesus no mês de junho. De igual forma, uma irmã foi recebida por profissão de fé nesta mesma ocasião. A igreja de Sacavém vibrou e rejubilou mais uma vez com estes batismos, que trouxeram muita alegria a todos os membros. A prova dis-



to é que, durante a cerimónia dirigida pelo pastor Enoque Nunes, os próprios candidatos (que são ainda adolescentes) entoaram um emocionan-

te hino. Este hino foi seguido por outro, entoado pelas suas mães, em agradecimento a Deus por verem os seus filhos decidirem-se por Jesus. Roga-

mos a Deus que esse exemplo seja um incentivo para outros jovens da Igreja, que ainda estão no vale da decisão. Que o nome do Senhor nosso Deus

seja louvado, porque todo o mérito é do Espírito Santo, que tem tocado e conquistado os corações destas almas para Jesus. 

CAMPANHA DE EVANGELIZAÇÃO E BATISMOS NA IGREJA DA PÓVOA DE SANTA IRIA

Eurico Vidro
– Promotor Bíblico

A igreja da Póvoa de Santa Iria realizou, no período de 17 a 23 de maio deste ano, uma campanha de evangelização, tendo por tema “A rota do caminho”. O orador foi o pastor Enoque Nunes. Durante toda a semana, a nossa igreja foi abençoada com a presença de muitos membros, jovens e adultos,



estando cada noite presente uma média de quarenta pes-

soas, na sua maioria jovens. Há ainda a registar uma fre-

quência média de três visitas por reunião. Foram distribuídas doze Bíblias. Esta campanha culminou com o batismo de três almas (Deolinda, Cassandra e Mariana Bispo), realizado no dia 23 de maio, na igreja de Sacavém. Fica lançando o desafio à igreja para que ensine e acompanhe todas as visitas que estiveram presentes. Seja bendito o nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que operou este milagre de conversão. 

BATISMOS: A FAMÍLIA DA IGREJA CENTRAL CRESCE

Paulo Silva
– IASD Central de Lisboa

Pela graça de Deus e pela ação do Seu Espírito, a igreja Central de Lisboa teve a alegria de acolher no seu seio quatro novos membros no sábado, 4 de julho. A cerimónia batismal foi realizada pelo pastor Enoque Nunes durante o Culto de Adoração e contou com a presença de várias visitas, que vieram proposadamente para o efeito. Ao entrar no tanque batismal, cada futuro membro ouviu a igreja cantar o hino que escolheu para a cerimónia. Antes de cada batismo, o pastor Enoque Nunes contou um pouco do percurso espiritual do candidato e indicou qual o texto bíblico que este tinha escolhido para tão importante momento. O irmão Jorge Filipe teve o seu primeiro contacto com a nossa Igreja através de irmãos brasileiros, que lhe deram literatura do Espírito

de Profecia. Depois de ter procurado conhecer melhor várias religiões e ter concluído uma licenciatura em Ciências da Religião, decidiu juntar-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia. O hino escolhido pelo irmão Jorge foi o nº 1, “Ó Deus de Amor”, e o texto bíblico foi o Salmo 18, versículo 2: “O Senhor é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio.” De seguida foi batizado o jovem Emanuel da Silva, que conheceu a mensagem bíblica após a morte do avô paterno, que era membro da igreja Central. Como hino escolheu o nº 152, “Vencendo vem Jesus”, e o texto bíblico escolhido foi o Salmo 139, versículos 23 e 24: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo ca-

minho eterno.” A irmã Anabela Martins escolheu o hino nº 476, “Eu Achei”, para o seu batismo. Ela conheceu a mensagem através de uma amiga e decidiu entregar-se ao Senhor após perceber a ação de Deus na sua vida. O texto escolhido pela nossa irmã foi a bênção sacerdotal encontrada em Números 6, versículos 24 a 26: “O Senhor te abençoe e te guarde; O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz.” O último candidato

a ser “sepultado” nas águas foi o menino Nicolau Kambinda, de oito anos. Embora pequeno em tamanho e idade, o Nicolau tem um grande desejo de ver Jesus um dia e de ser cidadão do Reino de Deus. O hino que escolheu foi o nº 555, “Até Então”, e o texto bíblico escolhido foi o Salmo 23, versículo 4: “Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.” Aos batismos seguiu-se um apelo do pastor Enoque Nu-



nes, para que outros também tomassem uma decisão por Jesus, e um momento de

recepção dos novos membros pelo corpo de anciãos, em apresentação de toda a igreja.

Que Deus possa fortalecer e guardar estes nossos irmãos. Amém! O vídeo da cerimónia

encontra-se disponível online em www.youtube.com/watch?v=YgpU9muteyU.

BATISMO EM VILA FRANCA DE XIRA

Manuel Porto
– IASD Vila Franca de Xira

No sábado, 20 de junho, pelas 16 horas, a pequena igreja de Vila Franca de Xira voltou a encher-se de membros e de amigos, convidados pela Rosa Lourenço Garcia, para testemunharem

a sua entrega a Jesus Cristo pelo batismo. Este foi conduzido pelo Pr. Enoque Nunes. O evento foi antecedido por três conferências públicas, as quais indicaram a rota do caminho para a Salvação e culminaram com a imersão da irmã Rosa nas águas batismais. A congregação Adventista de Vila Franca de Xira

tem consciência da luta vivida pela irmã Rosa que, ao abraçar Jesus, agarrou a divina mão do Senhor. O coro da igreja Adventista da Póvoa de Santo Adrião, bem como os coros infantil e jovem da igreja Adventista de Vila Franca de Xira juntaram-se à pequena congregação, dando graças a Deus e louvor ao nome do Senhor.



BATISMOS EM ALBUFEIRA

Luís Fonseca
– Pastor de Albufeira

Os membros da igreja Adventista do Sétimo Dia de Albufeira tiveram a alegria de receber, no dia 20 de junho, como novos membros, a irmã Emília Silva e os irmãos José Artur Silva e Gilberto de Souza. Ainda em 2014, o casal Silva conheceu a Igreja Adventista através das redes sociais, procurou a igreja de Albufeira, solicitou estudos bíblicos e, finalmente, pediu para ser batizado. Os membros da igreja de Albufeira continuam comprometidos



com a missão de salvar as pessoas que se encontram na escuridão deste mundo, acreditando na seguinte declaração inspirada: “Assim haverá alegria no céu por um peccador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lucas 15:7). “A única ovelha extraviada é mais preciosa aos Seus olhos

do que as noventa e nove que não se desviaram do redil. Cristo, o amado Comandante das cortes celestiais, desceu de Sua alta posição, depôs a glória que possuía junto ao Pai, para salvar o único mundo perdido. Por este, deixou os mundos sem pecado nas alturas, os noventa e nove que O amavam, e veio à Terra para ser ‘ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades’ (Isaías 53:5). Deus Se entregou a Si mesmo em Seu Filho, para que tivesse a alegria de recuperar a ovelha que se perdera.” Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 96.

do que as noventa e nove que não se desviaram do redil. Cristo, o amado Comandante das cortes celestiais, desceu de Sua alta posição, depôs a glória que possuía junto ao Pai, para salvar o único mundo perdido. Por este, deixou os mundos sem pecado nas alturas, os noventa e nove que O amavam, e veio à Terra para ser ‘ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades’ (Isaías 53:5). Deus Se entregou a Si mesmo em Seu Filho, para que tivesse a alegria de recuperar a ovelha que se perdera.” Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 96.

BATISMOS EM BRAGA

Paulo Neves
– Pastor das Igrejas de Braga, Viana, Arcos e Guimarães

O dia 20 de junho de 2015 ficará marcado como um dia de grande alegria no Céu e em Braga. A Irlane de Almeida, o David Duarte e a Ester Neves decidiram selar o seu compromisso com Cristo através do batismo. Estes três filhos de Deus fizeram o seu percurso de forma dife-

rente. Enquanto o David e a Ester receberam por herança os princípios Adventistas que orientam a vida espiritual das suas famílias, a Irlane, por sua vez, só veio ao conhecimento do Evangelho enquanto adulta. Mas duas coisas os une: o seu amor por Deus e o desejo de se tornarem membros da família celestial pela sua entrega pessoal. Depois de receberem o conhecimento necessário que tal ato demanda e após afirmarem a sua crença

nas doutrinas bíblicas, tais como são ensinadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, decidiram ser imergidos nas águas segundo o exemplo de Jesus. A cerimónia foi realizada pelo Pastor Paulo Neves e contou com a presença do Pastor Luís Ferreira, que participou ativamente nesta festa espiritual. O testemunho destes novos crentes contagiou cinco corações, que manifestaram também o desejo de se unirem a Cristo pelo batismo.

A estes três novos crentes deixamos um pensamento de Jesus, expresso no Evangelho de João 15:7 e 8, que gostarí-



amos que pudesse nortear a sua vida: “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedi-

reis tudo o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus

discípulos.” Que Deus possa abençoar grandemente estes crentes e as suas famílias. Que Ele possa também aben-

çoar a igreja de Braga, para que continue a trabalhar para o Senhor, levando almas aos pés do Mestre. 

BATISMOS EM ATALAIA DO CAMPO

Luís Ferreira

– *Pastor de Atalaia do Campo*

Podemos constatar com alegria que no sábado, 25 de julho de 2015, houve festa no Céu, pois quatro pessoas entregaram a sua vida a Jesus através do batismo na igreja Adventista do Sétimo Dia de Atalaia do Campo. Foi um momento marcante para este distrito pastoral, visto que se reuniram neste dia as igrejas que o compõem para celebrarem em conjunto o batismo do João Paulo, da Guarda, da Maria Leocádia, do Fundão, e da Rute Cruz e da Joana Torres, duas jovens desbra-

vadoras de Atalaia do Campo. Se a aventura espiritual da Joana e da Rute começou bem cedo com os seus pais, a da Maria Leocádia foi um percurso de três anos e meio e a do João Paulo desenrolou-se durante um ano. Independentemente da idade e da proveniência, algo muito profundo os une e os caracteriza: Um desejo sincero de permanecer junto a Cristo e de viver uma vida em prol da missão que Jesus incumbe a cada discípulo. Todo o programa batismal pôde contar com a forte colaboração dos *Jovens por Jesus*, projeto onde a Rute e a Joana puderam aprofundar o seu relacionamento com

Deus e colocar em prática o chamado ao discipulado durante três semanas. O testemunho destes irmãos em Cristo levou a que três novas pessoas se colocassem de pé, afirmando, perante uma igreja repleta de visitas e amigos, o desejo de colocar o seu coração nas mãos de Jesus. Depois dos hinos de louvor, testemunhos, profissões de fé e batismos, esta cerimónia encerrou-se com um hino especial presenteado pelos batizados. Gostaríamos de deixar uma mensagem de encorajamento aos



novos crentes, expressa nas palavras do apóstolo João: “Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (I João 5:4). 

EXPO-SAÚDE EM ATALAIA DO CAMPO

Luís Ferreira

– *Pastor de Atalaia do Campo*

A igreja Adventista do Sétimo Dia de Atalaia do Campo é pequena e está envelhecida. No entanto, este ano quisemos lançar mãos à obra e procurar tornar a igreja mais visível

e mais presente na sua comunidade. Decidimos assim realizar uma pequena Expo-Saúde. Atalaia do Campo é uma aldeia, com poucos recursos, mas pudemos contar com a colaboração da Junta de Freguesia local, que pagou as tiras de colesterol. Contámos ainda com o apoio de alguns estudan-

tes de enfermagem, com o Dr. Roman e a Dra. Ângela, que vieram de Portalegre para nos ajudar, com irmãos das igrejas do Fundão e da Guarda, com o Projeto *Jovens por Jesus* e ainda com algumas pessoas que se identificaram com a atividade e quiseram colaborar. No total, atendemos 55 pesso-

as, a quem pudemos lançar o desafio para que participassem no Projeto *Quero Viver Mais*. A cada pessoa atendida oferecemos um livro *Saúde e Bem-Estar* e um convite para as conferências *Segredos de Saúde*. Damos graças a Deus pela presença do Seu Espírito nesta atividade e pelas Suas bênçãos. 

BATISMOS EM ÉVORA

Luís Paulo de Vasconcelos

– *Pastor*

Rodeadas pelo cenário natural da Barragem do Divor, duas jovens universitárias – a Sara Valente e a Isabel Gria – entregaram a sua vida ao Senhor pelo batismo. Embelezada pelo som do violino e da guitar-

ra e por hinos cantados pela congregação e por solistas, a cerimónia ao ar livre organizada pela igreja de Évora foi grandemente abençoada. Dado que nenhum dos pais destas jovens cresceu na Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi na sua juventude que elas tomaram contacto com a mensagem Adventista. Foi o caso da Isabel,

que descobriu a Verdade Presente em Angola, em conjunto com a sua mãe e o seu irmão, que naquele país a precederam no passo que ela agora decidiu dar. Oremos pela Sara e pela Isabel “aquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos ante a sua glória imaculados e jubilosos” (Judas 24). 





Filhos de Deus cibernéticos?

O conhecido cientista Stephen Hawking, Bill Gates, o homem mais rico do mundo, e Elon Musk, uma das mais recentes estrelas do mundo empresarial que também é bilionário, afirmaram recentemente temerem algo que pode destruir a vida tal como a conhecemos neste Planeta. Quando nomes deste calibre e com tanta repercussão nos meios de informação falam, é difícil não prestar atenção. Mas o que será que tanto aflige estas personalidades? Vejamos o que eles disseram exatamente. Stephen Hawking:¹ “Os benefícios potenciais [da Inteligência Artificial] são enormes [...]. O êxito na criação de Inteligência Artificial seria o maior evento da história humana. Infelizmente, poderá ser também o último.” Bill Ga-

tes:² “Eu sou daqueles que estão preocupados com a super inteligência. No início, estas máquinas servir-nos-ão em muitas tarefas e não serão super inteligentes. Isso deverá ser positivo, se gerirmos bem essa fase. [...] No entanto, algumas décadas após esta fase, a inteligência será tão desenvolvida que causa preocupação. [...] Não entendo como as pessoas não estão preocupadas.” Elon Musk:³ “Temos de ser muito cuidadosos com a Inteligência Artificial, pois é potencialmente mais perigosa do que as armas nucleares.”

Porque estamos a falar disto?

O que despoletou este debate foi a publicação do livro *Superinteligência*,⁴ escrito por Nick Bostrom. Trata-se de um livro muito interessante, extremamente bem escrito, bem apoiado em factos e

É NOSSA CONVICÇÃO PROFUNDA QUE A VERDADEIRA CIÊNCIA ORIENTA O SER HUMANO PARA DEUS. AO LONGO DESTA SÉRIE DE ARTIGOS, PRETENDEMOS FORNECER ELEMENTOS QUE PERMITAM DEMONSTRAR AS BASES PARA ESTA CONVICÇÃO. CADA MÊS VAMOS EXPLORAR UMA DESCOBERTA OU UM AVANÇO CIENTÍFICO E VERIFICAR O QUE ESTES PODEM SIGNIFICAR PARA A NOSSA FÉ.

resultante de um conhecimento profundo da área. Também é um livro provocador, no sentido em que adota uma perspectiva bastante alarmista sobre o tema – talvez porque o autor não é um cientista, mas sim um filósofo. Rapidamente surgiram reações de muitas personalidades a este livro, mas em particular as três



que citámos no início. A própria Google, tendo adquirido a empresa DeepMind, que se especializa em algoritmos inovadores de aprendizagem, sentiu a necessidade de criar uma comissão para avaliar os riscos da tecnologia que pretende desenvolver.

A Singularidade

A tese defendida por Bostrom não é nova, podendo ser relacionada com a tese de Ray Kurzweil, outro autor muito conhecido e bastante prolífico, tanto em livros, como em invenções notáveis,⁵ que popularizou o conceito “Singularidade”. A definição de “Singularidade” é a seguinte: “Uma era em que a nossa inteligência será cada vez mais não biológica e triliões de vezes mais poderosa do que hoje – o nascimento de uma nova civilização que nos permitirá transcender as nossas limitações biológicas e amplificar a nossa criatividade.”⁶ Justamente no livro *A Singulari-*

*dade Está Próxima,*⁷ Kurzweil discute as possibilidades. Sendo um homem da tecnologia, Kurzweil, ao contrário de Bostrom, é bem mais otimista em relação ao futuro. Temos, portanto, opiniões para todos os gostos neste debate. Qual a posição que os factos suportam?

Um falso problema? Filhos de Deus cibernéticos?

Há alguns anos, discutimos nestas páginas o anúncio feito por alguns cientistas de que teriam criado vida.⁸ Como vimos nessa data, apesar do feito extraordinário que inspirou esse anúncio, a realidade estava longe de corresponder ao que poderíamos inferir a partir do anúncio. O que os cientistas tinham conseguido não foi criar vida, mas “apenas” – e é um “apenas” notável – reprogramar vida. Desta vez, estamos a lidar novamente com a alegação por seres humanos de que poderão criar algo que, neste caso, não só iguala, mas ultrapassa singularmente as capacidades do ser humano. A

pergunta é: Conseguirá o homem criar no futuro – mesmo que longínquo – máquinas com níveis de inteligência iguais ou muito superiores aos dos seres humanos?

Os sucessos da Inteligência Artificial

São cenários apaixonantes e que dão uma boa discussão, mas como se comparam com a realidade? A verdade é bem mais prosaica do que estes cenários sensacionalistas. O campo científico em questão é uma área chamada “Inteligência Artificial”. Esta área e este conceito já estavam conosco antes mesmo da era dos computadores baseados em microprocessadores, que se iniciou em meados do século passado e que tanto tem contribuído para transformar a nossa sociedade. A atribuição de suposta “inteligência” a uma máquina costumava ser formulada nos seguintes termos: “Quando uma máquina conseguir fazer a tarefa x, podemos dizer que ela é inteligente.” Acontece que as máquinas foram conquistando as várias “tarefas x” que lhes foram confiadas, umas após outras. Podemos ver alguns exemplos notáveis no quadro da página seguinte.⁹

Só que, a partir do momento em que uma máquina consegue fazer uma determinada tarefa, o consenso é que a execução dessa tarefa não é tão extraordinária

ANO	PROTAGONISTA	RESULTADO ALCANÇADO
1952/55	Arthur Samuel	Jogo das damas: Primeiro exemplo em que a máquina aprende a jogar melhor do que o seu criador.
1997	Deep Blue	Este computador derrota Garry Kasparov – o Campeão mundial de Xadrez.
2010	Watson	O computador <i>Watson</i> derrota os dois campeões no jogo e programa de televisão <i>Jeopardy</i> , que consiste em responder de forma sofisticada a perguntas – por vezes complexas – sobre temas como História, Ciência, Artes, etc..

assim e passam a ser dados outros desafios às máquinas. Mas será que isso significa que todas as “tarefas x” são igualmente acessíveis para uma máquina?

Altos e baixos inteligentes – Encontro com a realidade

Na prática, os sucessos mencionados foram conseguidos através de estratégias muito diferentes, que se foram sucedendo. Em cada caso, houve um progresso rápido, um fascínio pelo que a tecnologia estava a conseguir alcançar e, alguns anos depois, um desencanto, quando se chegou, em cada caso, a impasses em que, usando a mesma abordagem, não se conseguia avançar mais. Como exemplo, podemos mencionar o início da Inteligência Artificial moderna, marcado por uma reunião realizada em 1956, em que as perspectivas brilhantes para o campo foram enumeradas. No entanto, após alguns anos de resultados promissores, o campo estagnou até ao final dos anos 70.

No início dos anos 80, houve um ressurgimento com muitas aplicações em torno do que se chamou “Sistemas Periciais”. Mas também esta onda passou, com dificuldade em alargar os sucessos iniciais a outras áreas. Seguiu-se um longo inverno até ao final dos anos 90,

em que se conseguiu progresso nas áreas de Redes Neurais e Algoritmos Genéticos. Também neste caso se experimentou uma desaceleração.

Últimos desenvolvimentos

Na sequência dos altos e baixos da área de Inteligência Artificial, o último desenvolvimento é o que se chama *Deep Learning*.¹⁰ Trata-se de mais uma técnica baseada em algoritmos, em que o computador tem a possibilidade de jogar um jogo e saber a pontuação que consegue. Desta forma, a cada jogo que joga vai experimentando estratégias e consegue-se demonstrar que ele chega a estratégias ótimas. Melhores do que as que um ser humano consegue vislumbrar. Esta nova abordagem gerou tamanho interesse que a empresa criada por um dos cientistas com maior visibilidade, chamada *DeepMind*, foi adquirida recentemente pela *Google*, chamando-se agora *Google DeepMind*. Mas, mais uma vez, trata-se de uma técnica que funciona em casos muito específicos. Provavelmente, como algumas das melhores técnicas já inventadas, terá as suas aplicações e ajudará bastante, mas chegará a um impasse mais cedo ou mais tarde. Desta forma, ao longo das últimas décadas, a área da Inte-

ligência Artificial experimentou momentos dourados e momentos de estagnação, sendo um campo de investigação muito volátil.

O futuro está sempre na próxima tecnologia

A verdade é que, até ao momento, ainda não foi encontrado um paradigma na área que proporcione progresso que dure mais do que uma ou duas décadas. Uma característica interessante de todos estes avanços é que, quando se olha para o passado, as tentativas feitas na geração anterior parecem extremamente precárias e pouco sofisticadas. Perguntamo-nos: Como é que os cientistas daquela época podiam pensar que estavam sequer a aproximar-se de algo que poderia receber com propriedade o rótulo de “inteligência”? Estou convencido de que, dentro de 10 ou 20 anos, olharemos para as tentativas atuais com os mesmos olhos. Será interessante assistir ao que vai acontecer.

Implicações para o Cristão

Porém, quando colocamos em perspectiva os progressos desta área, somos surpreendidos por uma realidade bem diferente da que os artigos nas revistas de divulgação científica nos podem fazer crer. E muito diferente da realidade que pode justificar as declarações alarmistas. Parafraseando um autor conhecido do campo criacionista,¹¹ é intrigante que o mesmo ser humano que atribui o surgimento da sua inteligência a processos naturais não dirigidos não se surpreenda pelo facto de, com essa mesma inteligência, não ser capaz de criar algo – ainda que remotamente – comparável à sua inteligência. Computadores que jogam Xadrez ou que conduzem



carros, ou mesmo que respondem a perguntas complexas, estão qualitativamente muito longe da sofisticação e capacidade do cérebro humano. Como alguém escreveu: “A essência de ser humano consiste em fazer perguntas, não em responder-lhes.” Este pensamento transportou-me imediatamente para o livro de Job, no qual Job faz perguntas a Deus, mas no final acaba sem respostas para as perguntas que o próprio Deus lhe coloca. Apesar de o homem ter feito grandes progressos – ainda que insignificantes quando comparados com a inteligência humana – em nenhum caso se chegou perto de poder considerar alguma dessas criações como algo vivo ou, no campo da Inteligência, como algo dotado de uma consciência. Acreditamos que há algo essencialmente diferente em relação à vida. Algo relacionado com o que a Bíblia chama “fôlego da vida”: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente” (Gênesis 2:7). Acreditamos que é Deus

mesmo “quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas” (Atos 17:25).

É minha convicção que nunca conseguiremos evoluir além de um certo ponto na área da Inteligência Artificial, tal como na área da criação da vida. Afinal de contas, fomos feitos à imagem de Deus. E não precisamos de temer um fim do mundo provocado por máquinas superinteligentes. Sabemos como vai ser o fim do mundo, porque Deus nos deu essa revelação. Será que, na busca pela Inteligência Artificial, podemos vislumbrar ecos da tentação do Jardim do Éden? “Sereis como Deus” (Gênesis 3:5). De qualquer forma, é fascinante ver o homem tentar, mesmo que em alguns casos a intenção seja errada. Mas, nessas tentativas, o conhecimento vai sendo construído e invenções são colocadas à nossa disposição. E mesmo não se tratando de máquinas superinteligentes, qualquer tecnologia encerra em si o potencial para o bem ou para o mal. Roguemos a Deus para que elas possam ser utilizadas para o bem

e para nos levar a valorizar ainda mais a dádiva e o milagre da vida. ♡

• **Miguel Mateus**

*Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrônica
Mestre em Investigação
Operacional
MBA – Master in Business
and Administration*

1. Artigo de 19 de abril de 2014. Pode ser consultado em www.huffingtonpost.com/stephen-hawking/artificial-intelligence_b_5174265.html.
2. Entrevista *online* publicada em 28 de janeiro de 2015 no site *Reddit*. Pode ler-se em: www.reddit.com/r/lAmA/comments/2tzjp7/hi_reddit_im_bill_gates_and_im_back_for_my_third/.
3. Publicado na conta *Twitter* de Elon Musk (@elonmusk) em 2 de agosto de 2014, num comentário sobre o livro *Superinteligência* de Nick Bostrom.
4. Nick Bostrom, *Superinteligência: Paths, Dangers, Strategies*, Oxford Press, 2014. O título em Português seria *Superinteligência: Escolhas, Perigos, Estratégias*.
5. Ray Kurzweil é um inventor reconhecido, tendo feito contribuições determinantes para o desenvolvimento de *scanners* de texto, reconhecimento de caracteres, transformação de texto escrito em som e sintetizadores de música.
6. www.singularity.com.
7. Ray Kurzweil, *The Singularity is Near*, Penguin Books, 2006, cujo título em Português seria *A Singularidade Está Próxima*.
8. Ver *Revista Adventista* de maio e junho de 2009.
9. Adaptado de Bostrom, *Superinteligência: Paths, Dangers, Strategies*, Oxford Press, 2014, pp. 12 e 13.
10. Em Português seria *Aprendizagem Profunda*.
11. Adaptado do artigo de Ken Ham, “Will Artificial Intelligence Destroy Humanity?”, 9 de dezembro de 2014 (answersingenesis.org/blogs/kenham/2014/12/09/willartificialintelligencedestroyhumanity/).



A toda a Nação

A Igreja Adventista do Sétimo Dia começou com uma mão cheia de Cristãos Milleritas que tentavam dar um sentido ao Grande Desapontamento de 1844, quando Jesus não voltou tal como era esperado. Este pequeno grupo de membros fiéis recusou desistir da sua fé. Eles puseram de parte o seu desânimo

e obedeceram resolutamente à injunção bíblica para profetizar “a muitos povos, nações, línguas e reis” (Apoc. 10:11).

Um movimento para o tempo do fim surgiu das cinzas da História. Durante décadas sucessivas, este pequeno grupo Adventista cresceu até se tornar num movimento profético global, com mais de dezoito milhões de membros.

Os Adventistas podem ser encontrados em 216 dos 237 países reconhecidos pelas Nações Unidas e operam 148,023 congregações, 173 hospitais, 2164 escolas secundárias e universidades, 21 fábricas de alimentos, 15 centros de multimédia e 63 casas publicadoras. Tendo passado de um grupo desorganizado a uma Igreja global, a sua transformação é um autêntico milagre!

Na primeira Sessão da Conferência Geral em 1863, em Battle Creek, Michigan, estiveram presentes 20



delegados representando seis associações locais. Por volta dessa data tínhamos 3500 membros em 125 igrejas, com 22 pastores ordenados e 8 pastores licenciados.

Em contraste, a 60ª Sessão da Conferência Geral em 2015 teve presentes 2571 delegados oficiais. Eles representaram 18 479 257 Adventistas do Sétimo Dia de todos os continentes. Eles vieram de 132 Uniões com 633 Missões/Associações. Veja o que Deus fez, pois “o pequeno rebanho” cresceu exponencialmente em 152 anos!

Em 2010 o número de membros no mundo era de 16 923 239. Três anos depois, em 2013, o número de membros da Igreja atingiu o recorde de 18 milhões pela primeira vez na História. Em dezembro de 2014 havia 18 479 257 Adventistas em todo o mundo. Comparando com o número de membros de 2010, nós temos agora mais 1 556 018 membros do que tínhamos quando começou o quinquênio.

Este número de membros não inclui as crianças não batizadas ou muitas pessoas que se consideram Adventistas do Sétimo Dia. Por exemplo, na Papua Nova-Guiné o total de membros nos registros da Igreja é de cerca de 250 000. Mas um censo recente realizado pelo Governo revelou que cerca de um milhão de pessoas considera-se Adventista do Sétimo Dia. Muitos que deixaram a Igreja ainda se veem como sendo Adventistas.

Na Jamaica, os registros indicam haver 262 000 membros. No entanto, o censo do Governo revelou existir 323 000 pessoas que se consideram Adventistas do Sétimo Dia. Em Chiapas, México, a situação é similar.

Historicamente, o ano de 1955 foi significativo, porque nesse ano, pela primeira vez na História da nossa denominação, foi atingido um milhão de membros. Foram necessários 92 anos para se ir de 3500 membros, em 1863, até 1 000 000, em 1955. Alcançou-se o segundo milhão de membros em quinze anos, o terceiro em oito anos, o quarto em cinco anos e o quinto em três anos. Depois disto, foram necessários apenas cerca de dois anos para se atingir cada milhão adicional de crentes. Louvado seja Deus!

Este crescimento extraordinário é especialmente significativo dado o prevalecente declínio de membros entre as denominações Protestantes. Segundo um relatório recente, publicado na revista *Christianity Today*, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é presentemente “a quinta maior comunidade cristã do mundo, depois da Igreja Católica, da Igreja Ortodoxa Oriental, da Igreja Anglicana e das Assembleias de Deus” (*Christianity Today*, 22 fevereiro de 2015).

Muitos historiadores eclesiais têm notado que, durante os passados 50 anos, o centro do Cristianismo transferiu-se da

América do Norte e da Europa (O Norte Global) para a África, a Ásia e a América Latina (O Sul Global). A Europa cristã está a encolher e a África, a Ásia e a América Latina estão a expandir-se a grande velocidade. O Norte Global é composto por continentes industrializados que tradicionalmente enviavam missionários, enquanto o Sul Global é reconhecido como um campo missionário.

Esta mudança significativa no conjunto de membros, de norte para sul, também mudou significativamente a paisagem da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em 1960, a Igreja no Sul Global tinha 675 000 membros (54% do número mundial de membros). Meio século mais tarde, o número de membros no Sul Global era de 16,9 milhões, o que correspondia a 91,43% do total mundial de membros. Por outro lado, o Norte Global tinha 570 000 membros, em 1960, e, por volta de 2014, tinha atingido cerca de 1 600 000 membros, ou seja, 8,5% do total mundial de membros.

Batismos

Esta redistribuição dramática do número de membros do Norte Global para o Sul Global também se refletiu nas estatísticas batismais. Em 1960, os batismos no Norte Global representavam 31% do total e os batismos no Sul Global eram de 69% dos batismos totais. Por volta de 2014, 97%

dos batismos mundiais vieram do Sul Global e 3% originaram-se no Norte Global, um desenvolvimento que indica o extraordinário crescimento da Igreja no Sul Global, por um lado, e o manifesto declínio da Igreja no Norte Global, por outro lado.

As estatísticas do Departamento de Arquivos, Estatísticas e Pesquisas indicam que, em 2014, juntaram-se à Igreja Adventista 1 167 796 pessoas, um número recorde, excedendo os 1 091 222, em 2013, e os 1 050 785, em 2010. Qual é o significado de mais de um milhão de pessoas se juntarem à Igreja num só ano? Significa que 3199 crentes se juntaram à Igreja cada dia, 133 cada hora e 2,2 cada minuto.

O ano de 2004 foi o primeiro na história da Igreja Adventista em que mais de um milhão de pessoas foram batizadas num único ano. Este impulso foi mantido durante os anos seguintes; 2014 foi o décimo ano consecutivo em que mais de um milhão de pessoas se uniram à Igreja. Apenas neste quinquénio, 6 618 689 pessoas aderiram à comunidade de fé Adventista através do batismo ou de profissão de fé.

Congregações

A implantação de igrejas é uma prioridade na ação missionária da Igreja. Os mais recentes números mostram que tínhamos 78 810 igrejas e 69 213 grupos, em 2014. Comparando com 2013, foram abertas 2446 novas igrejas num só ano, ou seja, 6,7 igrejas cada dia, o que é um número recorde. De 4 em 4 horas é implantada uma nova igreja. O anterior recorde fora atingido em 2012, com 2416 novas igrejas implantadas. O ano de 2014 fica registado na História como o melhor ano de sempre na implantação de igrejas.

O ano passado foi um ano excepcional nos 152 anos de história da Igreja. Foi o ano com o maior número de batismos e com o maior número de igrejas implantadas. Foi também o 12º ano consecutivo em que mais de 2000 igrejas foram organizadas num único ano.

Em geral, as 148 023 igrejas e grupos que a Igreja tinha em 2014 representam um aumento de 12 678 nos cinco últimos anos. É extraordinário que, em média, 2536 novas igrejas e grupos tenham sido acrescentados cada ano desde 2010.

Crescimento

A taxa média de crescimento em 2014 foi de 1,85% em todo o mundo. Em 2006, a taxa de crescimento foi de quase 5%, tornando 2006 num dos melhores anos em termos de crescimento do número de membros. Com uma taxa de crescimento de 1,85% ao ano, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é considerada uma das Igrejas que mais rapidamente cresce no mundo.

No entanto, a consideração desta imagem de crescimento não é completa, se não considerarmos alguns aspetos menos positivos. No recente período de cinco anos (de 2010 a 2014), 6 212 919 pessoas foram adicionadas à Igreja. Durante o mesmo período, 3 717 683 membros deixaram a Igreja. Pondo de lado os membros de Igreja que adormeceram em Jesus, a taxa líquida de perdas para o quinquénio é de 60 para cada 100 conversos.

Esta percentagem terrivelmente elevada é, em parte, o resultado de auditorias aos registos de membros, um processo que identifica e remove da lista de membros pessoas que deixaram a Igreja ao longo dos anos. No entanto, mesmo olhando-se para os últimos 15

anos, que antecederam as recentes auditorias, as perdas são de 48 pessoas perdidas para 100 pessoas ganhas. Estes são números trágicos que a Igreja não pode tolerar.

As auditorias aos registos de membros começaram no quinquénio anterior e têm progredido durante este quinquénio. O processo de auditoria tem confirmado que a honestidade é ainda a melhor política. Um número inflacionado de membros já não é aceitável na consideração das estatísticas mundiais. Uma nota positiva na execução das auditorias foi o facto de a União da Holanda ter descoberto, para sua alegria, durante uma auditoria recente, que tinha mais membros de igreja do que pensava.

Desafios missionários

Nós temos orgulho de sermos a Igreja mais espalhada pelo mundo, estando estabelecidos em 91 por cento dos países do mundo reconhecidos pelas Nações Unidas. Congratulamo-nos por termos sido fiéis ao nosso mandato profético de profetizar “a muitos povos, nações, línguas e reis” (Apoc. 10:11). Temos sido bastante bem-sucedidos em implementar a Grande Comissão de ir e “fazer discípulos de todas as nações” (Mat. 28:19; Lucas 24:47).

Quando pensamos em “nações”, a maior parte de nós pensa em países como o Mali, o Egito ou o Brasil. No entanto, as palavras em grego são *panta ta ethne*, significando mais do que entidades geopolíticas. Elas apontam para grupos etnolinguísticos no interior de cada nação. Jesus não estava a dizer que o Evangelho deveria ser proclamado no interior das fronteiras de cada país definido politicamente, mas sim que ele deveria ser proclamado em cada gru-

po cultural dentro desses países. A ordem de Jesus não indicava apenas a missão de entrar no maior número possível de países ou de alcançar o maior número possível de povos, mas sim a missão de alcançar todos os povos do mundo.

Dada esta compreensão adequada de *panta ta ethne*, podemos deduzir que o cumprimento da Grande Comissão não é medida pelo número de países em que entramos, ainda que isso seja importante, mas é medida pelo modo como fazemos discípulos de todos os povos e estabelecemos congregações em todas as etnias.

O Quênia é um caso a considerar neste âmbito. O Quênia tem sido sempre a coluna dorsal da nossa obra na África Oriental. O país tem um número de membros enorme: 824 000 membros divididos por duas Uniões. Mas a maioria dos membros procede de apenas quatro tribos, enquanto que há no país 42 tribos. Está calculado que 70% dos membros da Igreja Adventista no Quênia pertencem a duas tribos – *Kisii* e *Luo* – e apenas cerca de 25% pertencem às quatro maiores tribos – *Kikuyu*, *Luhya*, *Kalenjin* e *Kamba*. Esta situação mostra claramente que as maiores tribos no Quênia são as menos alcançadas pela nossa mensagem, apesar do enorme número de membros reunidos em cerca de 10 000 igrejas e grupos.

Outro exemplo é a disparidade entre a missão rural e a missão urbana. Muitos países têm um crescimento fantástico nas ilhas e nas vilas. Dezenas de milhares são batizados anualmente. Embora aplaudamos a farta colheita na província, devemos ter presentes os milhões de habitantes das cidades que precisam tanto da mensagem dos três anjos como as pessoas das regiões rurais. Uma melhor com-

preensão de *panta ta ethne* deveria orientar a nossa estratégia missionária para abarcarmos todos os grupos étnicos, e não apenas certos segmentos da população.

A frase *panta ta ethne* também implica que a Grande Comissão não está limitada às missões estrangeiras. As missões estrangeiras são, certamente, um componente crítico no cumprimento da Grande Comissão. Quatro quintos dos não Cristãos do mundo nunca serão alcançados, a não ser que lhes sejam intencionalmente enviados missionários transculturais. Mas a Grande Comissão não se restringe às missões estrangeiras. Todos os crentes deveriam ter um foco na *ta ethne* que está para além das suas portas, na comunidade em que vivem. Há grupos de pessoas de todos os tipos que vivem perto de nós. Eles podem viver na porta ao lado, no fundo da rua ou do outro lado da cidade. Todos nós temos uma parte a desempenhar na missão da Igreja. Todos os membros do povo de Deus podem empenhar-se na missão.

Ellen White escreveu: “Deus espera um serviço pessoal de todos aqueles a quem Ele confiou um conhecimento da verdade para este tempo. Nem todos podem ir como missionários para terras estrangeiras, mas todos podem ser missionários na sua terra, nas suas famílias e na sua vizinhança” (*Testimonies for the Church*, Pacific Press, 1948, vol. 9, p. 30).

Conclusão

A história da Igreja Adventista nos últimos cinco anos é a história de um crescimento contínuo, de 14 milhões de membros, em 2005, de 17 milhões, em 2010, até 18,5 milhões, em 2014. Este avanço progressivo da Igreja Adventista teria sido inimaginável

para os nossos pioneiros em 1863, quando foi organizada a Conferência Geral com apenas 3500 membros.

No entanto, apesar do nosso sucesso, grandes partes da Terra estão ainda por alcançar. A Janela 10/40 contém 60% da população do mundo, mas apenas 10% dos Adventistas. Das 500 cidades que têm uma população superior a um milhão de habitantes, 236 estão na Janela 10/40. O que devemos então fazer?

Alguns destes desafios parecem ser inultrapassáveis quando vistos de uma perspectiva humana. Mas Deus é capaz; as Suas promessas são certas. A convicção de Ellen White era inegável, quando escreveu: “Quando pensamos no conflito diante de nós e na grande obra que devemos fazer, trememos. Mas podemos lembrar-nos de que o nosso Ajudador é Todo-Poderoso. Podemos sentir-nos fortes na Sua força. Podemos unir a nossa ignorância à Sua sabedoria, a nossa fraqueza ao Seu poder, a nossa fraqueza à Sua força que nunca falha. Através d'Ele podemos ser 'mais do que vencedores'” (*Review and Herald*, 9 de julho de 1901).

Temos confiança suficiente para crer que mesmo os países e os povos menos evangelizados em breve verão o cumprimento da promessa de Deus comunicada através do profeta Habacuque: “Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Hab. 2:14). Esta é a nossa esperança. Este é o nosso sonho. Apenas o soberano Deus pode fazê-lo acontecer rapidamente! 🔥

• G. T. Ng

Secretário Executivo da
Conferência Geral



Mudança de trajetória

O povo de Israel acabava de receber luz verde por parte do faraó e podia finalmente sair do longo cativeiro do Egito. Um povo bastante numeroso começa então a jornada. É nesse instante que Deus diz algo a Moisés: “Fala aos filhos de Israel que voltem, e que acampem diante de Pi-hairoth, entre Migdol e o mar, diante de Baalzefon: em frente dele assentareis o campo, junto ao mar” (Êxodo 14:2).

Vamos voltar um pouco atrás. Imagine-se como sendo um daqueles cativos libertos. Tinham-se sucedido várias gerações, sempre sob escravidão. Os seus pais foram escravos, os seus avós tiveram a mesma sorte e você sente uma vontade insaciável de ser livre. Esse dia finalmente chegou e a ansiedade e o regozijo são bem visíveis nos rostos dos

parentes e amigos que estão à sua volta. Se você estivesse no meio daquele grupo de pessoas, qual o caminho que escolheria para sair do Egito? Vou arriscar dizer que muito provavelmente você escolheria o caminho que o colocasse mais rapidamente fora do território egípcio, o caminho mais curto até à fronteira, até à liberdade! Ora, este foi precisamente o mesmo raciocínio dos Israelitas! Só que, quando o povo estava já para partir, Deus ordena-lhe algo estranho e dificilmente explicável. Deus pede que corrijam a sua rota. Tento imaginar qual seria o meu pensamento, se estivesse com aquele povo. “Mas este é o melhor caminho! Porquê alterar o percurso?” Honestamente, quantas vezes isto já não aconteceu na sua vida? Você escolhe o caminho que na sua mente é o melhor e o mais eficaz, só que Deus diz que

não é por ali que deve seguir e logo lhe mostra um caminho que, à primeira vista, é estranho e sem sentido nenhum. Quem sabe o “caminho” seja um emprego, um relacionamento, a aquisição de um bem ou até mesmo algo relacionado com a Igreja. Imaginamos que a nossa escolha é a mais indicada quando, de repente, sentimos que Deus quer que mudemos para um outro caminho.

Como se deve recordar, a reação dos Israelitas a esta alteração de rota foi expressa sob a forma de desagrado, e o culminar da indignação surgiu quando este numeroso povo chegou a um obstáculo de peso: o Mar Vermelho. Mas havia mais. Além de avistarem o grande mar, perceberam que, na sua retaguarda, o exército do faraó estava a aproximar-se, movido por enorme fúria. Neste momento, há uma explosão de

QUANDO DEUS AGE MILAGROSAMENTE NA VIDA DE UM FILHO SEU, QUE OUTRA FORMA DE REAGIR TEMOS NÓS, SENÃO FICAMOS ABISMADOS FACE À INCRÍVEL ATUAÇÃO DESSE DEUS PODEROSO E MAGNÍFICO?

sentimentos e de pensamentos e é incrível aquilo que as pessoas disseram a Moisés. Esqueceram por completo a alegria da sua libertação “e disseram a Moisés: Não havia sepulcros no Egito, para nos tirares de lá, para que morramos neste deserto? Porque nos fizeste isto, que nos tens tirado do Egito?” (Êxodo 14:11). “Que gente ingrata”, pensamos nós. Tanta frieza e sarcasmo. Mas apelemos novamente à nossa sinceridade: quantas vezes eu duvidei de que o caminho que me foi apontado por Deus era o melhor? Deus pede-me que tenha um carinho especial pelo Sábado e eu obedeço-Lhe, e por seguir nessa direção não consigo encontrar um emprego e a minha situação financeira torna-se insustentável. Deus pede-me que siga pelo caminho da honestidade, e por aceitar seguir nesse caminho arruinei um negócio ou estraguei um relacionamento. Deus pede-me que seja fiel em toda e qualquer circunstância, e por esse motivo hoje a minha família ignora-me e muitos dos meus amigos desprezam-me. Estas são situações que podem ser reais para qualquer crente que tem a sua fé posta em Cristo Jesus (veja João 16:33). Estas são situações em que, ainda que por breves momentos, pensamos que o caminho que Deus nos indicou talvez não fosse o melhor. Chega a haver ocasiões em que até pensamos que possivelmente nos equivocámos ao ouvir a voz do Senhor.

Surpreenda-se agora com a resposta dada por Moisés. Procuo colocar-me no lugar dele e penso, vez após vez, que não haveria forma de a minha reação ser sequer parecida com a deste homem paciente e que, talvez, a minha resposta seria algo do género: “Como é que disseram? Querem voltar

para o Egito? Então vão! De certeza que lá vocês encontram sepulcros para todos!” Mas Moisés, um homem de uma mansidão e de uma fidelidade incríveis, diz duas coisas que considero extraordinárias. A primeira encontra-se em Êxodo 14:13: “Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará: porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis, para sempre.” Incrível! Absolutamente incrível! Este homem mantém uma calma e uma serenidade notáveis numa situação de alta tensão. Mais do que isso, ele demonstra um equilíbrio mental e uma segurança espiritual que poucos de nós temos. Não importava quão feia a situação estava, Moisés garantiu (mesmo sem fazer a mínima ideia do que ia acontecer) que eles iam assistir a algo grandioso da parte de Deus. Que gigante na fé! Além do mais, ele afirmou de forma contundente que aqueles inimigos nunca mais os voltariam a incomodar. E isso é exatamente o que Deus quer fazer na nossa vida: eliminar absolutamente o obstáculo que hoje atrapalha a nossa jornada.

A segunda afirmação que Moisés faz surge logo de seguida e é verdadeiramente impressionante: “O Senhor pelejará por vós, e vos calareis” (Êxodo 14:14). Que ninguém tivesse a mais pálida ideia

de que algum homem podia resolver aquela situação; seria o próprio Deus que se iria encarregar de lutar pelo povo. Fantástico! Deus lutaria pelo povo e a reação do povo só poderia ser uma: silêncio total. Quando Deus age milagrosamente na vida de um filho Seu, que outra forma de reagir temos nós, senão ficamos abismados face à incrível atuação desse Deus poderoso e magnífico? Que outra reação poderíamos ter, além do temor e da reverência? “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Salmo 46:10).

Graças a esta experiência do povo de Israel, você e eu podemos estar certo de que em circunstância alguma ficaremos a perder por seguir o caminho que Deus escolheu para nós. Ainda que manter-me firme me tenha lesado na Faculdade, no emprego, num círculo de amigos ou no que quer que seja, posso ter esta excelsa alegria: Deus lutará por mim! Não importa qual é a circunstância que enfrento neste momento ou se as perspectivas não parecem as melhores: Deus lutará por mim!

E quer saber o que acontece quando Deus luta por si? “E os israelitas atravessaram pelo meio do mar em terra seca, tendo uma parede de água à direita e outra à esquerda” (Êxodo 14:2). ✦

• **Bruno Silva**
Enfermeiro

UMA AMIGA COMO ESTA

Provavelmente já ouviste falar de Helen Keller. Ela nasceu saudável, perto do fim do século XIX, mas, antes de completar o seu segundo aniversário, uma terrível doença deixou-a tanto cega como surda. Incapaz de ouvir, ela também não foi capaz de aprender a falar normalmente. Os seus pais amavam-na muito, mas não sabiam como comunicar com uma criança que não podia ver, ouvir ou falar. Também não sabiam como a podiam disciplinar. Assim, Helen tornou-se indisciplinada e rebelde, pelo que os seus pais receavam que ela tivesse que passar a sua vida internada numa instituição.

Quando Helen tinha quase completado sete anos, uma jovem mulher chamada Anne Sullivan tornou-se sua professora. Anne era ainda bastante jovem e também tinha problemas de visão. Embora ela não fosse surda como Helen, ela compreendia como podia ser difícil a vida para

uma criança cega. Anne começou imediatamente a tentar ensinar a Helen palavras simples usando o alfabeto da língua gestual. Ela fazia os sinais em contacto com a mão de Helen, para que esta percebesse o gesto pelo tato. Embora Helen não tivesse compreendido inicialmente o que Anne fazia, ela reagiu ao amor e à disciplina que Anne introduziu na sua jovem vida.

Como a própria Helen descreveu mais tarde, o momento decisivo aconteceu um dia quando Anne pegou na mão de Helen, a colocou sob a água que saía de uma bomba de água e soletrou na sua mão a palavra “água”. Pela primeira vez Helen percebeu que o sinal feito por Anne e o objeto que ela lhe mostrava estavam ligados. Ela percebeu que podia dar nomes às coisas, aprendendo o alfabeto da língua gestual. A partir daí, ela aumentou o seu conhecimento exponencialmente, pedindo à sua professora que soletrasse mais e mais palavras.

Helen Keller tornou-se na primeira pessoa surda e cega a obter uma licenciatura na Universidade e lançou-se numa longa carreira como escritora e oradora. Durante todo este tempo, a sua professora, Anne Sullivan, continuou a ser a sua amiga mais chegada, para além de ser também a sua tradutora. De facto, Helen nunca aprendeu a falar de forma suficientemente clara para que as pessoas a compreendessem. Helen e Anne permaneceram inseparáveis até à morte desta última.

A muralha de trevas e de silêncio que separava a jovem Helen do resto do mundo parecia ser impossível de ultrapassar. Mas tudo o que foi preciso foi uma verdadeira amiga. Uma amiga que já tinha experimentado algumas das mesmas dificuldades e as vencera. Uma amiga que estava disposta a guiar, a ensinar e a indicar o caminho. Não necessitamos todos de uma amiga assim?! ✨

Retirado da revista Guide

Outro (falso) argumento contra a criação em seis dias

“E disse Deus: Haja luz. E houve luz. E Viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E chamou Deus à luz dia; e às trevas chamou noite. E foi a tarde e a manhã do dia primeiro” (Gén. 1:3-5). É apenas um pequeno texto, mas está cheio de mistério, revelando que a realidade é mais profunda do que os seres humanos – mesmo os seres humanos sofisticados e educados do século XXI, que estudam a Genética e a Física Quântica – podem compreender. E embora o ato de trazer a luz à existência pela fala esteja para além da nossa compreensão, não há nada de problemático ou de inerentemente contraditório nisso.

No entanto, como harmonizamos o primeiro dia da criação da Terra com o quarto dia, em que Deus disse: “Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite” (Gén. 1:14)? Sobretudo porque depois Deus fez “o luminar maior para governar o dia e o luminar menor para governar a noite” (Gén. 1:16). Este segmento termina com a frase: “E foi a tarde e a manhã do dia quarto” (Gén. 1:19). Se no quarto dia Deus criou “o luminar maior” (obviamente o Sol) para separar “o dia da noite”, o que era a luz que Deus criou no “primeiro dia” e que fez “separação entre a luz e as trevas” (Gén. 1:4)? Quem o poderá saber?! Qualquer tentativa humana para responder seria, suponho eu,

pura especulação. No entanto, os descrentes usam este problema para argumentar contra a inspiração das Escrituras. Entretanto, os teólogos adeptos do método histórico-crítico e os evolucionistas teístas usam-no para argumentar que o Génesis não é um relato fidedigno de como a Criação aconteceu e que problemas como este mostram que a história de Génesis 1 e 2 não deve ser compreendida literalmente.

Mas nenhum destes argumentos funciona. Em vez de diminuir a fiabilidade do relato da Criação, este contraste entre os dois dias reafirma-a, dando ao leitor inspirado pelo Espírito mais razões para aceitar Génesis 1 e 2 como um relato literal da criação do nosso mundo em seis dias. Sejamos razoáveis. Não pensa que, quando escreveu estas palavras, Moisés sabia que, quando o Sol se ergue no céu, traz com ele a manhã e, quando ele se põe, segue-se a noite? Tendo gasto os primeiros quarenta anos da sua vida sob o sol escaldante do Egito, Moisés sabia quão inseparável era o Sol do dia e da noite. Seja o que for que ele compreendeu ou deixou de compreender sobre o movimento do Sol no céu, ele sabia que, quando o Sol desaparece no horizonte, terminava um dia, e um novo dia, uma “tarde e manhã”, começava.

No entanto, ele escreveu o que escreveu acerca de o primeiro dia, o segundo dia e o terceiro dia terem ocorrido antes do surgimento do “luminar maior”

no quarto dia?! Por que razão iria Moisés, ou qualquer outra pessoa, escrever um relato da Criação que contrariava tão abertamente a nossa experiência quotidiana, a menos que Deus lho tivesse comunicado assim? Não sabemos exatamente como o Senhor revelou Génesis 1 e 2 a Moisés, mas Moisés pode ter-se admirado tanto como nós pela existência de dia e de noite antes da aparição do Sol no quarto dia. É por isso que se pode argumentar que tal noção é uma verdade que lhe foi revelada; de outro modo, quem iria inventar algo tão contrário à quotidiana experiência humana?

Ellen White escreveu: “Os mistérios da Bíblia, longe de serem um argumento contra ela, acham-se entre as maiores evidências da sua inspiração divina. Se não contivesse outras referências a Deus que não as que podemos compreender, se pudessem Sua grandeza e majestade ser apreendidas pela mente finita, então a Bíblia não teria infalíveis evidências da sua origem divina, como tem.” *Educação*, p. 170.

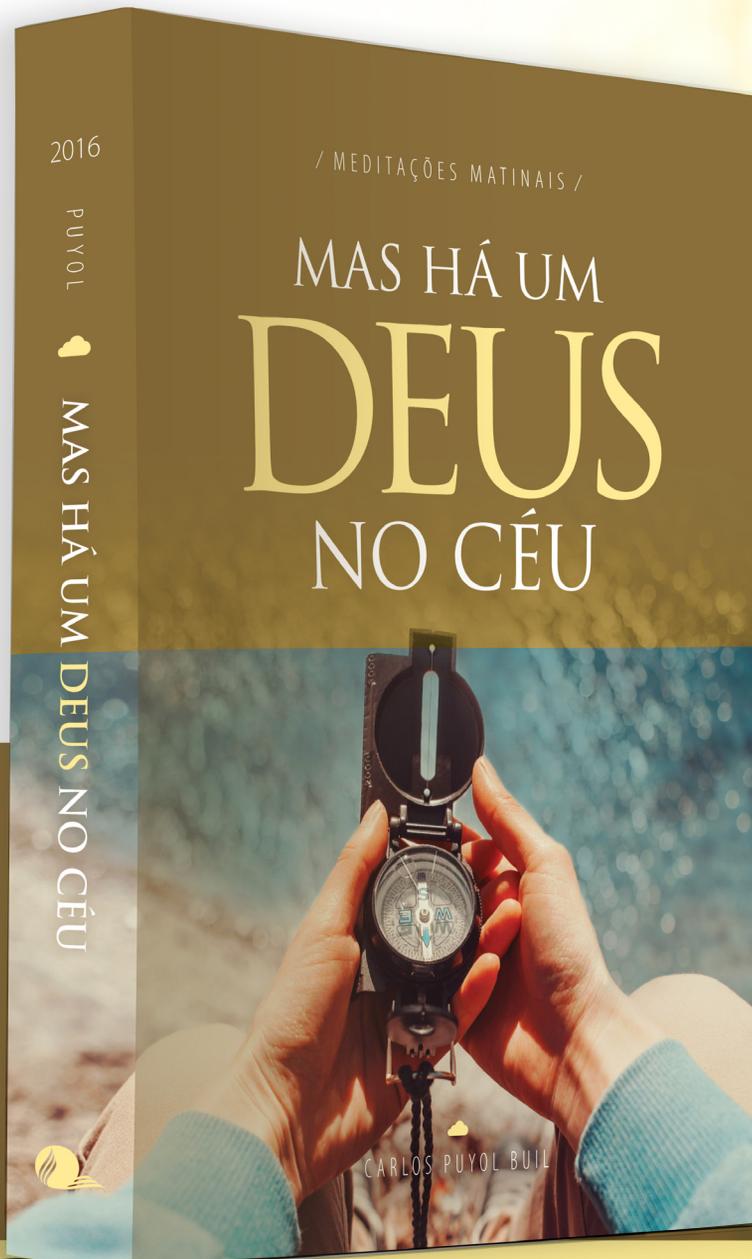
E, ao contrário do argumento popular, a existência destes primeiros três dias, antes da aparição do Sol no quarto dia, pode ser interpretada como mais uma prova, não contra, mas a favor da inspiração divina do relato de Génesis 1 e 2. †

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina

MEDITAÇÕES MATINAIS 2016

DO CONHECIDO AUTOR CARLOS PUYOL



Da **RESPOSTA** aos desafios da **EXISTÊNCIA** à compreensão do **CURSO DA HISTÓRIA**, um livro com mensagens diárias com uma certeza: **DEUS ESTÁ MESMO AO LEME.**

**FAÇA A SUA ENCOMENDA NA LIVRARIA
— DA SUA IGREJA —**

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir